

MARIAS

HISTÓRIAS PARA ALÉM DAS GRADES

ORG.

SILVANE FENSTERSEIFER ISSE



Silvane Fensterseifer Isse
(Org.)

Marias: histórias para além das grades

1ª edição



EDITORA
UNIVATES

Lajeado, 2021



Universidade do Vale do Taquari - Univates

Reitora: Profa. Ma. Evania Schneider

Vice-Reitora e Pró-Reitora de Ensino: Profa. Dra. Fernanda Storck Pinheiro

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: Prof. Dr. Carlos Cândido da Silva Cyrne



EDITORA
UNIVATES

Editora Univates

Coordenação: Prof. Dr. Carlos Cândido da Silva Cyrne

Editoração e capa: Glauber Röhrig e Marlon Alceu Cristófoli

Capa: Marina Pavan

Avelino Tallini, 171 – Bairro Universitário – Lajeado – RS, Brasil

Fone: (51) 3714-7024 / Fone: (51) 3714-7000, R.: 5984

editora@univates.br / <http://www.univates.br/editora>

M333

Marias: histórias para além das grades / Silvane Fensterseifer
Isse (Org.) - Lajeado : Ed. Univates, 2021.

79 p. ; il. color.

ISBN 978-65-86648-44-7

1. Extensão universitária. 2. Cárcere privado. 3. Mulheres.
4. Relatos. I. Isse, Silvane Fensterseifer. II. Título.

CDU: 343.811:378-055.2

Catálogo na publicação (CIP) – Biblioteca da Univates
Bibliotecária Maria Helena Schneider – CRB 10/2607

**As opiniões e os conceitos emitidos, bem como a exatidão,
adequação e procedência das citações e referências,
são de exclusiva responsabilidade dos autores.**

SUMÁRIO

MARIAS, GUERREIRAS E SINGULARES MARIAS.....	5
MARIAS: DA REINTEGRAÇÃO À FORMAÇÃO DE UMA NOVA CONSCIÊNCIA!.....	9
DANÇA, CORPO E LINGUAGEM: EXPERIMENTAÇÕES NO PRESÍDIO FEMININO	11
COM UM PASSO, TORNEI-ME MARIA	24
A EMPATIA E O OLHAR DO OUTRO NO PRESÍDIO ESTADUAL FEMININO DE LAJEADO	26
TEREZINHA	30
CAMINHOS	34
QUANDO O DIZER DA VIDA DÓI	35
O QUE A VIDA ME TROUXE - A HISTÓRIA DE SUH MOURA	40
VERSOS DE MARIAS	44
O TEMPO E O DESTINO: COMPANHEIROS DE CELA.....	46
MARIA, MARIA, É DOR E ALEGRIA	48
POEMAS FEITOS POR UM CORPO APRISIONADO, MAS UM CORAÇÃO LIBERTO E APAIXONADO.....	50
NUNCA É TARDE PARA UM RECOMEÇO	55
CARTAS ÀS MARIAS	61
MARIAS, TRANSCENDENDO A MATÉRIA E ABRAÇANDO A ALMA	70
VARAL DE MEMÓRIAS	72
PERCEPÇÕES INTENSAS.....	78

MARIAS, GUERREIRAS E SINGULARES MARIAS

Silvane Fensterseifer Isse

MARIA, MARIA

Milton Nascimento

Maria, Maria,
É um dom,
Uma certa magia
Uma força que nos alerta
Uma mulher que merece
Viver e amar
Como outra qualquer
Do planeta
Maria, Maria,
É o som, é a cor, é o suor
É a dose mais forte e lenta
De uma gente que ri
Quando deve chorar
E não vive, apenas aguenta

Mas é preciso ter força,
É preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo a marca
Maria, Maria,
Mistura a dor e a alegria

Mas é preciso ter manha
É preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre
Quem traz na pele essa marca
Possui a estranha mania
De ter fé na vida...

Força. Fé. Alegria. Riso. Choro. Angústia. Medo. Coragem. Vidas marcadas. Potência de ser mulher!!! Marias: mulheres que amam, acolhem, resistem, trabalham... Este livro conta histórias de muitas Marias, que vivem dentro e fora das grades do Presídio Estadual Feminino de Lajeado, o *Feminino*. Narra as experiências, os sentimentos, os pensamentos e movimentos de mulheres que, ao se encontrarem graças ao Projeto de Extensão Universitária, *Marias: Corpo e Linguagem na Instituição Prisional*, decidiram dar visibilidade às suas histórias de vida. São mães, esposas, amigas, parceiras, que tiveram suas vidas transformadas a partir da privação da liberdade. Muito mais do que do delito que cometeram, são narrativas que falam de saudade e de falta, mas também de descobertas, de projetos e de sonhos.

O livro fala de relações humanas, de conflitos, de amizade, de amor e da falta dele. Fala de mulheres, mas também dos homens que estão ou estiveram presentes em suas vidas, tantas vezes atravessadas pela desigualdade de gênero, pela desigualdade social, pelo racismo e pela violência. Fala dos homens que as amaram, que as incentivaram, que cuidaram delas, que compreenderam seu valor, também de homens que as violentaram, as invejaram, que lhes roubaram o respeito e a dignidade. Homens com as quais elas viveram, com quem elas trabalharam, e dos homens que foram gerados por elas.

Nossa história com as Marias começou em 2017, quando ainda éramos o eixo Linguagem e Corporeidade do Projeto de Extensão *Veredas da Linguagem*. Começamos com um pequeno grupo que ia ao *Feminino*, quinzenalmente, às sextas-feiras pela manhã, e realizávamos práticas corporais com o grupo de mulheres privadas de liberdade. Era um grupo pequeno de pessoas interessadas em conhecer o que é um presídio feminino, como é sua dinâmica, como as pessoas se relacionam e como a universidade pode contribuir com a vida no presídio. Começamos muito inexperientes, um tanto sem referências sobre trabalhos dessa natureza em presídios, pois eles são um tanto raros. Começamos com a cara e a coragem de inventar um modo de ser e de construir ações com as mulheres. E a coisa começou a dar certo, os vínculos começaram a se estabelecer, o afeto começou a aflorar, o desejo começou a nascer e o projeto começou a ganhar vida!

A extensão universitária é, possivelmente, um dos terrenos mais férteis para que tudo aquilo que se produz na universidade ganhe vida e sentido. Pergunto-me constantemente: em que medida os conhecimentos técnicos e/ou científicos construídos na universidade, na interação com a vida das

peças, é capaz de contribuir para a potencialização das suas vidas? Um projeto de extensão universitária ganha sentido à medida que universidade e comunidade deixam de ser campos isolados e se transformam em universos que dialogam, compartilham, aprendem juntos, numa relação que se dá pelo conhecimento, pelos afetos, pelo senso de coletividade e pelo pertencimento a um mundo comum.

Quando criamos o *Marias*, nosso objetivo maior era contribuir para a humanização do cárcere, para a qualificação da vida das mulheres que se encontravam no *Feminino*, mas não tínhamos a menor noção da dimensão educativa que o projeto tomaria e do modo como ele modificaria a vida de cada uma de nós, que vivemos dentro e fora das grades. O exercício da empatia, da escuta e do olhar sensível, interessado e diverso tem sido fundamental para a formação dos vínculos, para o estabelecimento de laços de confiança, para a ampliação do diálogo e dos modos de comunicação. Narrar, escutar, sensibilizar-se e aproximar-se através da dança, do jogo, da música, da fotografia, da poesia, da pintura, do desenho ou do jogo teatral são modos de cuidar de si e da outra, de perceber a si e a outra, de acolher a si e a outra, de respeitar a si e a outra, de acreditar em si e na outra.

O *Marias*, para nós, que tanto amamos e acreditamos na potência das ações desse projeto, é um ato de resistência à exclusão social, à marginalização e à negação dos direitos dos sujeitos privados de liberdade. Procuramos responder de outra forma à promessa civilizatória das instituições prisionais no que diz respeito à criminalidade e à ampliação da segurança social: nos esforçamos para contribuir para o resgate do sentido de pertencimento à comunidade, para a visibilização dessas mulheres, tantas vezes invisíveis na teia social a que pertencem.

Acreditamos que não haverá paz e segurança através do isolamento, do castigo, do descuido, do descaso ou da exclusão, pois eles desumanizam e negligenciam os direitos humanos, os direitos dos sujeitos privados de liberdade. A paz e a segurança não se constroem na solidão, no silêncio, na inexpressividade, mas, antes, através de mecanismos que promovam a educação, a manutenção dos laços e o fortalecimento da convivência social. É isso que fazemos: lutamos para que a vida siga pulsando dentro do presídio, para que a alegria dê esperança, para que o corpo e a arte sejam aliados na construção dos afetos.

Marias: histórias para além das grades é um registro de sentimentos, pensamentos, encontros e memórias. O livro foi construído a muitas mãos, que assumem aqui suas ideias, crenças e lutas. Ele é responsabilidade e voz de pessoas que se relacionam com o *Feminino*, a partir de múltiplas perspectivas e em diferentes tempos. Universidade, comunidade, SUSEPE e sistema de justiça estão aqui representados por pessoas que dão vida a essas instituições.

As páginas do livro apresentam relatos de experiência, reflexões, artigos, poemas, cartas, desenhos e fotografias. A forma, o conteúdo e os recursos de linguagem foram escolhidos pelos seus autores, como modo de expressão e de comunicação com os nossos leitores. Esperamos que o livro possa cumprir seu papel social: construir novos olhares em relação aos sujeitos privados de liberdade. Boa leitura!

Silvane Fensterseifer Isse

Coordenadora do Projeto de Extensão *Marias: Corpo e Linguagem na
Instituição Prisional*

MARIAS: DA REINTEGRAÇÃO À FORMAÇÃO DE UMA NOVA CONSCIÊNCIA!

Luciane Inês Morsch Glesse

O Projeto de Extensão *Marias: Corpo e Linguagem na Instituição Prisional* trata de um paradigma quando se fala em mulheres e sistema prisional. Isso, porque, quando falamos em sistema prisional, precisamos ter em mente que, embora as mulheres sejam minoria, este número vem crescendo significativamente. Segundo levantamento do Ministério da Justiça, o Brasil possui mais de 42.000 mulheres presas, ocupando o 4º lugar no mundo, ficando atrás somente dos Estados Unidos, (com aproximadamente 212.000), China (com 108.000) e Rússia (com 49.000). É neste cenário que surge o Projeto de Extensão *Marias*, pioneiro na região abrangida pela VEC Regional de Santa Cruz do Sul, desenvolvido junto ao Presídio Feminino de Lajeado, com o objetivo de trabalhar com essas mulheres, incentivando-as a mudar de comportamento e sair do mundo da criminalidade.

Além de contribuir para socialização das reeducandas do Presídio Feminino, ele minimiza o preconceito e promove a integração entre as detentas e a sociedade, já que dá oportunidade à sociedade, através de acadêmicos, diplomados e voluntários, de conhecerem o meio social e cultural do ambiente onde elas estão, proporcionando-lhes empatia, sensibilização e humanização.

O Projeto surge não só como forma de reintegração das reeducandas, mas também como meio para a formação de uma nova e necessária consciência na comunidade, que facilite o processo de dar oportunidades, de reintegrar à sociedade aquele ser que nunca esteve a ela integrado, por completa falta de oportunidades. E isso é muito raro quando se fala de sistema prisional, ainda mais, do sexo feminino.

Trabalhar o corpo e a alma da mulher reeducanda, negligenciada duas vezes pela sociedade (por ser mulher e por estar segregada), faz da pena

privativa de liberdade um meio e não um fim ou uma punição. O Projeto de Extensão *Marias: Corpo e Linguagem na Instituição Prisional* concede às mulheres algo muito mais precioso que a liberdade que obterá após a execução da pena, já que fornece meios para mudar de vida e força para recomeçar.

Luciane Inês Morsch Glesse

Juíza de Direito – Vara de Execução Criminal Regional de Santa Cruz do Sul.

DANÇA, CORPO E LINGUAGEM: EXPERIMENTAÇÕES NO PRESÍDIO FEMININO¹

Silvane Fensterseifer Isse
Bibiana Cristine Scheer

RESUMO

Este trabalho discute experiências realizadas num projeto de extensão universitária, desenvolvido num presídio feminino do sul do Brasil. O projeto tem como objetivos, entre outros, problematizar a corporeidade humana enquanto elemento de linguagem, contribuir para a humanização da permanência das mulheres no presídio, qualificar as relações interpessoais, exercitar a escuta e o acolhimento e planejar e desenvolver oficinas de práticas corporais diversificadas. As intervenções acontecem semanalmente e têm na roda uma das principais metodologias. Entre os resultados do trabalho estão o maior conhecimento e cuidado com corpo, a sensibilização, a qualificação do tempo e a ampliação do diálogo.

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta e discute algumas experiências realizadas no projeto de extensão universitária intitulado *Veredas da Linguagem*², desenvolvido pela Universidade do Vale do Taquari – Univates, localizada na região sul do Brasil, no município de Lajeado/RS. A extensão universitária configura-se como um potente espaço de formação profissional, que ultrapassa a formação técnica e contribui para a formação pessoal e interpessoal, na medida em que oportuniza aos estudantes formas e atividades de inserção na comunidade. Em relação ao *Veredas*, há a participação voluntária de acadêmicos e profissionais diplomados, que encontram no projeto, além da interação, um espaço de formação continuada. À medida que as ações

- 1 Este texto foi publicado originalmente em espanhol, em 2020, por Editorial Libargo (Espanha), na obra *Comunicar em Danza*.
- 2 A partir daqui o *Veredas da Linguagem* será tratado por “Veredas”.

extensionistas são realizadas, espaços de reflexão e debate são constituídos e novos saberes são construídos.

Para a Univates, os projetos e programas de extensão universitária têm como objetivos: 1) promover ações que contribuam com o compromisso social da Instituição e a sua inserção regional, possibilitando o exercício da cidadania e a participação crítica no contexto social; 2) incentivar projetos que envolvam relações sociais e humanas entre os três sujeitos na construção do conhecimento: professores, estudantes e comunidade; 3) possibilitar vivências extensionistas que se configurem como oportunidades de ensino e de aprendizagem por meio da relação dialógica entre universidade e comunidade; 4) estimular projetos que possibilitem diálogos interdisciplinares e articulação de redes entre diferentes campos do conhecimento humano e que aproximem a comunidade acadêmica da comunidade local; 5) estimular ações que visem à indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, contribuindo para a construção e a ressignificação de conhecimentos articulados ao contexto sociocultural, com impacto tanto na formação do estudante quanto na transformação da sociedade.

A presença de estudantes, professores e diplomados nos diferentes espaços de atuação do *Veredas* produz movimentos que favorecem a observação, a escuta, o acolhimento e o acompanhamento, no sentido de refletir sobre as demandas que cada espaço necessita. Nesse sentido, as experiências com a comunidade, que geram demandas muitas vezes inesperadas ou imprevisíveis, contribuem para o protagonismo dos participantes do projeto, tanto no que diz respeito à resolução de problemas como no que diz respeito à criação de novos modos de intervenção profissional.

O *Veredas* é o encontro de professores, estudantes e profissionais diplomados de várias áreas de conhecimento, dispostos a desenvolver modos de intervenção social através da linguagem, em suas múltiplas formas de manifestação, por meio de diferentes eixos temáticos: 1) Linguagem e Corporeidade; 2) Linguagem e Ludicidade; 3) Linguagem Artístico-Literária; 4) Linguagem e Ensino; 5) Linguagem e Tecnologia; 6) Linguagem e Cognição. O projeto articula-se com os projetos pedagógicos dos cursos de Educação Física, Letras, Pedagogia e Medicina, entre outros, como também com as práticas de estágio desses cursos, que contemplam a atuação dos acadêmicos em espaços e em atividades para além da sala de aula. A ideia de integrar e desenvolver ações que aproximem diferentes áreas em torno do olhar sobre as linguagens corrobora, de forma efetiva, a proposta interdisciplinar do projeto.

Segundo Bakhtin (1992), em sua imanência, a linguagem evoca a interdisciplinaridade, por ser plurivalente e dialógica. Para o autor, o mundo se constrói baseado em relações de linguagem, em relações dialógicas, de forma contextualizada. A cada novo encontro com o outro, somos outro, pois carregamos nossas experiências. A linguagem das palavras, da arte, da corporeidade e da ludicidade torna o indivíduo capaz de interagir com o meio e com os outros e, nessa interação, produzir sentidos e constituir-se como sujeito. Concretizar essa potencial perspectiva dialógica por meio de ações multifacetadas é o desafio da área das linguagens, que se propõe a desenvolver interfaces com diferentes áreas de conhecimento, num constante movimento de ir e vir entre universidade e comunidade.

Tendo como objetivo geral promover oportunidades de formação teórico-prática a acadêmicos e diplomados sobre a linguagem e suas múltiplas interfaces – ensino, arte, literatura, tecnologia, corporeidade, ludicidade e cognição – a fim de contemplar demandas da comunidade, o *Veredas* atua em cinco espaços da comunidade: 1) Fundação para Reabilitação das Deformidades Craniofaciais (FUNDEF); 2) escola da rede estadual de ensino do estado do Rio Grande do Sul; 3) escola da rede municipal de ensino do município de Lajeado; 4) Comunidade de Imigrantes do município de Lajeado; 5) Presídio Feminino de Lajeado.

1 O EIXO LINGUAGEM E CORPOREIDADE E A ATUAÇÃO NO PRESÍDIO FEMININO

1.1 O eixo Linguagem e Corporeidade

O eixo Linguagem e Corporeidade (LC) tem como um dos seus objetivos centrais problematizar a corporeidade humana enquanto elemento de linguagem. As ações envolvendo o eixo fundamentam-se na ideia de corpo como elemento de comunicação e criação (MARQUES, 2010) e de movimento enquanto experiência ética, estética e criativa (SANTIN, 1995; SERRES, 2001), enquanto elemento de sensibilização humana (SANTIN, 1997).

Segundo Santin (1997:4), a sensibilidade é “indispensável para o reencontro da humanidade consigo mesma” e precisa “ser alcançada no seu acontecer” (SANTIN, 1997, p. 7), pois é prática, é vivência, é vida e “se confunde com a vida” (SANTIN, 1997, p. 9). A sensibilidade é gesto, é sentimento, é atitude e é capaz “de criar, de inventar novas formas de viver” (SANTIN,

1997, p. 9). Para Santin, a sensibilidade é vida, é livre, é transgressora, é comprometedora, é exigente, é perigosa e

[...] é presença. É estar-junto. É sentir e sentir-se com o outro. É tocar o outro. A mão que toca, que acaricia. A sensibilidade do tátil, o toque da mão, do abraço do beijo possuem uma energia poderosa de aproximação, de presença, de encontro, de comunhão. A taticidade celebra a fusão entre os corpos pelo prolongamento de um no outro (SANTIN, 1997, p. 15-16).

O corpo sensível, assim, coloca-se nas suas relações de forma dialógica, como linguagem, como dispositivo de encontro e comunicação com o outro e articulação de significados coletivos. Nesse sentido, conforme Marques (2010), o corpo apresenta-se como texto, que pode ser lido, que pode dizer, dialogar, questionar ou recusar-se; apresenta-se como fala, discurso que produz significados na, pela e com a linguagem.

Pautado nesses pressupostos teóricos, o trabalho do grupo é desenvolvido a partir de estudos teóricos, práticas investigativas e planejamento e desenvolvimento de ações na comunidade, sendo seu campo de intervenção o Presídio Feminino de Lajeado. As reflexões, investigações e intervenções do eixo LC articulam saberes sobre movimento humano, arte, linguagem e cultura, numa perspectiva de sensibilização, experimentação e criação corporal. As experiências vividas por estudantes, professores e diplomados junto à comunidade prisional ultrapassam a experiência pessoal, à medida que são socializadas em eventos científicos, na produção de textos escritos e no debate em sala de aula.

1.2 Breve apresentação do Presídio Feminino de Lajeado

O Presídio Feminino de Lajeado, o *Feminino*, como é chamado pela equipe e pelas apenadas, um dos quatro presídios femininos do estado do Rio Grande do Sul, foi inaugurado em novembro de 2016. Com capacidade para abrigar 72 mulheres em privação de liberdade, a obra foi construída pela comunidade e tem abrigado, em média, 25 apenadas, advindas de diferentes municípios do estado.

O projeto de construção saiu do papel graças ao auxílio de empresários da região e dos poderes judiciário e legislativo. A mão de obra utilizada para a construção foi de homens apenados do Presídio Estadual de Lajeado, presídio masculino que se localiza ao lado do feminino. Os presos que trabalharam

na construção do prédio, que levou 18 meses para ser finalizado, obtiveram remissão de suas penas.

As atividades oferecidas às mulheres apenadas ainda são bastante restritas: aulas do Núcleo de Educação de Jovens e Adultos, que realiza exames de certificação por meio do Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (ENCCEJA), que certifica o Ensino Médio; oficina de maquiagem e cabelo e as oficinas oferecidas pelo *Veredas*. Não há nenhuma oportunidade de trabalho. A atuação do projeto *Veredas no Feminino* iniciou em agosto de 2017.

1.3 A atuação do *Veredas* no *Feminino*

Os objetivos do eixo Linguagem e Corporeidade (LC), em relação às ações realizadas no *Feminino* são: 1) conhecer e compreender o contexto social e cultural da instituição prisional, bem como as diferentes histórias de vida das mulheres apenadas, exercitando a escuta e o acolhimento; 2) contribuir para a humanização do período de permanência das mulheres apenadas, bem como para a qualificação das suas relações interpessoais e para o bem-estar delas; 3) planejar e desenvolver oficinas de práticas corporais diversificadas (dança, ginástica, alongamento, jogos, esportes, dramatização...), envolvendo as mulheres apenadas.

O trabalho do eixo no *Feminino* parte da capacitação de estudantes bolsistas e do grupo de voluntários do LC, na qual são apresentados os objetivos do projeto e a metodologia de intervenção. A partir da capacitação, são planejadas e desenvolvidas oficinas, que, inicialmente, se restringiam às práticas corporais diversificadas. Como a aceitação dessas práticas por parte das apenadas surpreendeu, pensou-se em ampliar o trabalho, que, atualmente, conta com oficinas de música, teatro, narração de histórias e fotografia, entre outras atividades. Mensalmente, realizam-se reuniões com bolsistas e voluntários do projeto, para estudo, planejamento e avaliação do trabalho.

As intervenções no presídio acontecem semanalmente, com duração aproximada de 90 minutos. Quando o clima é favorável, os encontros acontecem no pátio do presídio, no horário do banho de sol. Em caso de mau tempo, as oficinas são ministradas na galeria ou no refeitório. A participação das mulheres é espontânea, ou seja, ninguém é obrigado a participar. As experiências de movimento, as rodas de conversa e as experiências de criação

artística têm sido o suporte para o alcance dos objetivos a que se propõem o LC e o *Veredas* como um todo.

2 CORPO, MOVIMENTO, COMUNICAÇÃO: A VIDA QUE PULSA NO FEMININO

A chegada da equipe do projeto no pátio, na galeria ou no refeitório do presídio é sempre acompanhada de receptividade de ambos os lados, com abraços e beijos, olhares de satisfação e alegria por mais um encontro. Esta recepção cordial, amigável é resultado de uma caminhada. Os encontros, desde 2017, têm oferecido oportunidades de movimento do pensamento e do corpo, tanto para a equipe do projeto, quanto para as apenadas. A cada início de encontro, é feito o convite para a iniciação da atividade do dia. As mais interessadas já estão prontas; as demais continuam sentadas, aguardando a explanação da proposta. Em cada encontro, sentimentos, crenças, acontecimentos e disponibilidades dão o tom das atividades. São as apenadas que indicam os caminhos a serem trilhados pelo projeto.

Percebe-se que o trabalho realizado no *Feminino* promove a ampliação das experiências de movimento, o conhecimento do corpo e o cuidado com esse corpo. Isso acontece, porque essas experiências potencializam as sensações e a percepção das fragilidades e potencialidades corporais, tanto de si, como do outro. Movimentar o corpo, para algumas detentas, no entanto, é um grande desafio, pois há grande timidez e restrição em relação a expor-se ao olhar das outras mulheres. Enquanto algumas apenadas dançam, jogam, dramatizam, cantam, agindo de forma bastante espontânea nas atividades, outras recolhem-se, não participam, julgando-se incapazes de realizar as atividades propostas. “Não sei fazer” é uma fala bastante recorrente para algumas mulheres quando são chamadas a movimentar-se.

É possível observar que boa parte das mulheres tem de si uma imagem bastante desvalorizada. Há uma crença de que sabem pouco e podem pouco. Além disso, o contato, o encontro, o toque provocado pelas situações de movimento parecem causar “uma força perigosa, [...] uma força de invasão, de violação, de dominação” (SANTIN, 1997, p. 15-16).

Coloca-se, então, como desafio ao grupo que atua no projeto, contribuir para o empoderamento dessas mulheres, através da proposição de ações que exijam criação e comando, dando visibilidade às potencialidades de cada uma delas e reconhecendo que as fragilidades e as diferenças são constituintes da

natureza humana. A diferenciação e a visibilização, nesse sentido, contribuem para um maior cuidado e valorização de si e do outro. Não saber algo deixa de ser motivo para não experimentar. Aprender passa a ser um desafio aceito, uma forma de sentir-se mais viva, mais produtiva, pois, para Santin (1997, p. 9), “sentir a vida é o ponto de partida para organizar o modo de viver”. Nesse sentido, as práticas corporais despertam para a vida e contribuem para o estabelecimento de vínculos afetivos.

Ocupar o tempo durante a permanência no presídio é outro grande desafio. Não há suspensão da vida enquanto as mulheres estão com a liberdade suspensa. A presença da equipe do projeto tem sido motivo de alegria e de quebra da rotina. Ainda que algumas mulheres apenas observem as atividades, o compartilhamento do chimarrão, as conversas com professores, estudantes e diplomados da Univates, as boas risadas resultantes dos movimentos de dança, das expressões faciais, dos comentários e das pequenas criações produzem certo frescor e momentos de leveza, como as apenas referem em seus comentários sobre o projeto.

As atividades propostas nos encontros promovem uma aproximação entre as mulheres e ampliam o diálogo, o que pouco acontece entre as detentas em outros momentos de sua rotina e dificulta a formação de vínculos entre elas. Algumas delas dizem que sentem dificuldade em conversar, mas que sentem necessidade de falar e de serem escutadas. Para Freire (2000), o diálogo é um ato de reconhecimento do outro, de visibilização do outro, de abertura ao outro e de reconhecimento do próprio inacabamento. O diálogo é, para o autor, uma expressão de amor e do querer bem, pois pressupõe falar *com* o outro e não falar *para* o outro (FREIRE, 2000).

Falar *com* o outro, propõe Freire (2000), exige uma escuta sensível, paciente, interessada, respeitosa e crítica. Saber escutar nos permite perceber as necessidades, os sentimentos, os desejos, as intenções e o que se passa com o outro; nos ajuda a compreender as ideias, os valores culturais e os posicionamentos pessoais e torna possível a construção com o outro. Somos mais se somos juntos. A qualificação das relações interpessoais, nesse ambiente em que os espaços são tão restritos e a convivência tão próxima, contribui para a humanização da permanência na instituição prisional.

É preciso não se assustar com a afetividade e não ter medo de expressá-la, sugere Freire (2000). É preciso recuperar a sensibilidade de mulheres, muitas vezes, endurecidas pelas situações de vida que as levaram ao

presídio. É preciso que as ações do projeto contribuam para que as mulheres aprendam a dialogar, a comunicar-se, a expressar-se. Se, para algumas, é difícil comunicar-se verbalmente, estar em movimento com as outras mulheres é uma forma de encontro, de diálogo corporal, de transmissão de afeto e de compartilhamento de sentimentos e sensações. Dançar ao som do funk, do samba, da salsa, do forró ou da música eletrônica é um caminho para estabelecer um novo olhar sobre si mesmas e para o entendimento de que, apesar de afastadas temporariamente do convívio social, continuam a ser sujeitos sociais. E a dança em roda tem sido um importante dispositivo de acolhimento, encontro, comunicação, cuidado, experimentação e aprendizagem.

3 A DANÇA EM RODA

Os registros históricos das primeiras civilizações revelam que os encontros, as conversas, as reuniões dos povos aconteciam em formato de roda, que era um lugar de expressão, de manifestação e também de celebração. Ramos (2014) diz que “daí para dançar em círculo, em roda, de mãos dadas, foi um pulo!”. Desde o início das danças de roda, cada povo tem construído a sua identidade através de danças que expressassem sua realidade, suas crenças, suas normas culturais. “As danças de roda, portanto, existem há milênios! E os grupos de pessoas que se identificam com essa expressão artística sentem o maior prazer de preservar a tradição de seu povo, de sua cultura, de seu país, de sua região, dançando e se apresentando com roupas típicas” (RAMOS, 2014, texto digital).

Na década de 1970, segundo Ramos (2014), o coreógrafo, bailarino, artista plástico, astrólogo e pedagogo polonês Bernhard Woisen, durante uma pesquisa sobre folclore pela Escócia, ficou curioso a respeito da maneira como um grupo de moradores da comunidade de Fidhorn se relacionava: boa convivência entre o grupo, sua qualidade como ouvintes, a forma harmônica como conduziam suas vidas e o modo respeitoso como se relacionavam com a natureza. Com sua habilidade artística, Woisen iniciou um trabalho de composição coreográfica com músicas clássicas, no formato de círculo, com o intuito de estimular a meditação. Este movimento, chamado de Dança Circular ou Dança Circular Sagrada, chegou ao Brasil dez anos depois, culminando com a arte desta dança.

Hoje temos poucos ou praticamente nenhum registro científico sobre as danças circulares. A forma como os praticantes, apreciadores e investigadores compartilham a dança, a história, os valores e os conceitos é pela troca de experiências, cultivando a ancestralidade. Os círculos/as rodas iniciam, são permeadas e/ou findam fazendo agradecimentos às pessoas que iniciaram este movimento para cada pessoa. Por exemplo, no momento em que o coordenador da roda agradece, ele o faz ao seu iniciador. Há, neste gesto, uma bela valorização da ancestralidade. As experiências e as pessoas, bem como sua singularidade são extremamente valorizadas. As danças aprendidas são passadas de pessoa para pessoa, através da experiência, do compartilhamento. O valor teórico e de veracidade da origem das danças, das fontes e da forma como ela é dançada é atribuído à confiança na palavra do outro e, novamente, à valorização da sua ancestralidade. O histórico das danças circulares nos permite compreender esta dinâmica rica de conceitos pelos quais Woisen se encantou na Escócia: a harmonia, a boa escuta, a boa relação com o outro e com a natureza.

Levar esta dança para espaços contemporâneos é desafiador, por três motivos: 1) o tempo, quase sempre insuficiente, faz com que muitos encontros presenciais sejam breves e rasos; 2) as relações, muitas vezes baseadas em redes virtuais, são desprovidas do toque, do contato corporal/visual e das sensações corporais; 3) a comunicação entre as pessoas é, muitas vezes, esvaziada. A realização de um encontro entre pessoas dispostas a vivenciar uma proposta de dança circular é uma entrega, pois a maioria dos passos é simples e pode parecer entediante. As músicas instrumentais, clássicas, ou que busquem estimular a atenção do ouvido exigem paciência. O contato corporal com pessoas desconhecidas ou com pessoas conhecidas com as quais não se tem intimidade pode provocar desconforto. Os exercícios de meditação e de conexão consigo mesmo, com a roda e com a natureza podem ser considerados desnecessários por algumas pessoas.

Como seria, pois, essa dança num presídio, com mulheres isoladas do convívio social, confinadas em espaços restritos, que convivem diariamente e que se veem, muitas vezes, obrigadas a se relacionarem com pessoas estranhas ou que as desagradam? Poderia a roda humanizar essas relações, oferecendo às mulheres experiências de movimento, diálogo, escuta e integração? Poderia a roda ser um momento alegre, vivo, criativo e de aprendizagem? Acreditando que sim, passamos a usar a roda em vários encontros do projeto no *Feminino*.

3.1 As rodas no *Feminino*

Os encontros no *Feminino* ocorrem com pequenas intervenções, que iniciam com o convite para participar do momento. Depois dos abraços e beijos calorosos, as falas iniciais são trazidas para dentro da roda, pois, naquele instante, ela é o que somos, o que acreditamos e o que queremos. A estrutura de uma roda se dá quando nos colocamos lado a lado, quando não há brechas entre os corpos, quando a distância do corpo para o centro é a mesma para todos que a estão formando. Também é imprescindível que todos tenham alcance visual das pessoas que compõem o círculo. Tudo que for dito será dirigido para o centro, para o núcleo, para a essência, para o foco da roda, que acaba sendo o objetivo de todos. Desta maneira, as intenções não são individuais, pois a estrutura, a comunicação, o contato, os objetivos são coletivos.

Seguindo na roda, estabelecemos contato com as mulheres nos colocando junto delas. Destacamos sempre, no início e no final dos nossos encontros, que somos mulheres vivendo experiências que enriquecem a nós todas de forma igual, que vemos nossos encontros como oportunidades de aprendizado mútuo. Qualquer atividade proposta geralmente resulta em uma experiência completamente surpreendente, pois o repertório motor desta coletividade é muito vasto. Vamos nos conhecendo um pouco através deste gestual, que surge voluntariamente no decorrer da prática corporal.

Os encontros, em geral, levam um certo tempo para “esquentar”. A maioria das mulheres já está aguardando a nossa chegada, com uma certa ânsia para realizar as atividades, já que este é um momento raro na rotina semanal, em que realizam alguma atividade diferenciada. A roda inicial é o ponto de partida e também o momento em que mais fazemos intervenções. Mas, sem delongas, percebemos o início do fluxo, quando as mulheres nos mostram que estão se permitindo sentir, sensibilizar-se, liberar suas emoções. É aí que nossas intenções, enquanto projeto, começam a acontecer, começam a ganhar corpo e intensidade. Esse permitir-se potencializa a nossa prática dentro do *Feminino*. Quanto mais dermos as mãos para quem está ao nosso lado, olharmos para aquelas que compõem a roda, visualizarmos os objetivos em comum e caminharmos neste sentido, maiores serão os efeitos dos encontros.

De modo simbólico ou material, seria possível construir uma roda dentro do *Feminino*, com mulheres vindas de lugares diversos, com diferentes

histórias de vida, que se encontram ali em função de seus delitos? Sim, hoje nos parece realmente possível.

A experiência de uma dança circular no *Feminino*, no seu sentido material, produz efeitos surpreendentes e impactantes. Tem sido necessária muita intervenção e diálogo, pois a participação das mulheres nas atividades é livre e respeitamos o tempo e o desejo de cada uma delas, mas vê-las dançando juntas, tocando e se deixando tocar, relevando as “esquisitices” das colegas de presídio tem contribuído para um convívio mais tranquilo e qualificado. Já no sentido simbólico, sentir-se como roda é algo que demanda tempo e experiência coletiva. Não é no primeiro ou no segundo encontro, mas, depois de uma certa intimidade, as relações se fortalecem em torno de objetivos comuns, que, para o *Feminino* e para as presidiárias, são o convívio cordial e amigável, o apoio afetivo e profissional, por meio de vivências corporais diversas, da música, da mímica ou da poesia.

Quando todas as mulheres estão de mãos dadas, lado a lado, próximas umas das outras, se olhando, se entregando, balançando o corpo no ritmo da música e dos outros corpos, confiando nas pessoas que estão com elas, ao ponto de se sentirem à vontade para fechar os olhos, a roda acontece! A sensação de fluidez, leveza e pertencimento provoca no grupo - mulheres apenas e participantes do *Veredas* - uma conexão única.

A potencialização da roda representa a metodologia e a dinâmica dos encontros do *Veredas* no *Feminino* e também da experiência de dança circular. Percebemos que as atividades propostas necessitam de intervenção, de estímulo, de escuta, de diálogo e de compartilhamento. Também precisam do corpo em movimento, pois o corpo é texto, linguagem, expressão daquilo que cada mulher é, sente e pensa. Conversamos, ouvimos, dançamos, estatizamos, rimos, choramos e, no meio disso tudo, procuramos contribuir para que se torne visível o valor de cada mulher, mãe, filha, esposa, amiga, cidadã que está temporariamente com sua liberdade privada. Sentir a vida pulsando dentro do presídio, acreditamos, é também um caminho para a construção de perspectivas de vida para quando chegar o tempo de liberdade. Procuramos, também, reforçar que a vida é movimento e que elas “estão” presidiárias, mas não podem ser reduzidas a isso. A vida não está em suspensão dentro do presídio. Talvez, esse seja um dos maiores desafios para as instituições prisionais: trabalhar de modo que as mulheres apenas mantenham a vida pulsando.

4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho do *Veredas* no *Feminino* ainda é muito jovem e ainda há muito a aprender com as pessoas envolvidas, sejam elas da universidade ou da comunidade. Desenvolver um projeto dessa natureza com poucos outros projetos que possam servir como suporte ou referência é realmente instigante e desafiador, pois é um ato de criação. A cada encontro, criamos modos de intervenção, de escuta, de diálogo e de experimentação. A cada encontro, percebemos o quanto a população carcerária precisa ser conhecida, compreendida e atendida com acolhimento e atenção, se pretendermos, de fato, contribuir para sua reflexão e mudança de comportamento, quando chegar o seu tempo de sair de trás das grades.

Fazer parte do *Veredas*, compartilhar com as mulheres suas histórias, estar junto delas durante essa jornada, propondo experiências que possam contribuir para a reorganização de suas vidas é algo que sensibiliza, humaniza, nos torna pessoas e profissionais mais atentas às diferenças e à diversidade humana. Fazer parte do *Veredas* é, portanto, um modo de inspiração à vida, um modo de implicação e de compromisso social.

A cada semana, temos a sensação de que avançamos com as nossas intervenções e conseguimos mergulhar um pouco mais a fundo nesse universo do cárcere feminino. No entanto, nada está pronto, pois, ao final de cada encontro, acompanhadas da sensação de ter produzido ações importantes e interessantes, surgem novos desafios. Através dos debates e das trocas de experiência, o *Veredas* vai criando seu jeito de trabalhar. As necessidades e desejos das apenadas são motivos de pesquisa e de busca por práticas que possam ser utilizadas em nosso próximo encontro. O processo reinicia a cada semana. As expectativas inspiram cada novo passo. E, nesse sentido, somos eternas caminhanças.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 16.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

MARQUES, Isabel A. *Linguagem da dança: arte e ensino*. São Paulo: Digitexto, 2010.

RAMOS, Renata Carvalho Lima. *O início da Dança Circular no Brasil*. Disponível em < <https://dancacircular.com.br/artigos/36/o-inicio-da-danca-circular-no-brasil>>. Acesso em 19 jan. 2021.

SANTIN, Silvino. *Educação Física: ética, estética, saúde*. Porto Alegre: EST, 1995.

_____. *Educação e sensibilidade*. Disponível em <labomidia.ufsc.br/Santin/Filosofia/Educao_e_Sensibilidade.pdf>. Acesso em 19 jan. 2021

SERRES, Michel. *Os cinco sentidos*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

COM UM PASSO, TORNEI-ME MARIA

Bibiana Cristine Scheer

Entrei no presídio e percebi uma beleza nunca vista por meus olhos. Uma agradável sensação de estar com meu corpo, com minhas intenções e com meu querer fazer naquele espaço. Acho que ali já era o pertencimento do meu ser junto à grande roda do *Marias*.

Retomando a beleza, preciso antes dizer que sou apaixonada pela potencialidade das relações humanas e do que elas produzem de vida na vida. E, seguindo, posso dizer que a música que me acompanha no meu fazer enquanto professora de dança não some ao entrar no presídio, muito pelo contrário.

Os primeiros passos, mais silenciosos, com o volume mais baixo dão a sensação de certa rigidez que poderia estender-se até o pátio. O pátio, que é a casa do *Marias*, é o espaço de contraste dentro do presídio. Se nas celas elas precisam ficar em silêncio, obedecendo às regras e sendo disciplinadas, o pátio é a oportunidade de aumentar o volume, descruzar os braços e soltar o corpo.

O pátio não é espaço de bagunça, de descontrole, de indisciplina. O pátio é espaço de criação, de imaginação, de produção, de olhar, de enxergar, de sorrir, de abraçar, de sentir, de carinho, de aproximação, de comunicação, de elos. O pátio é espaço para formar uma roda.

E nessa bela dança, de mãos dadas, em forma de círculo, qual é a música que toca?

Cada ser tem o seu ritmo, tem uma velocidade, tem uma intensidade, uma melodia. Pode ser um rock mais pesado ou mais romântico; um bolero bem lento e suave, talvez; quem sabe um forró com o pé acelerado. Se nosso país é

rico pela diversidade cultural, quer dizer que os andantes deste lugar também são ricos. Olhar pra essa diversidade de dentro de uma roda, dentro de um presídio, é pura riqueza.

Mas, qual é o ritmo que toca quando estamos em roda?

Acredito que a nossa música seja aquela que estamos dispostos a sentir, a tocar e a ouvir. Em nossa roda, não há limitação de ritmos, não há ordem do volume. O que nós queremos é deixar a música tocar. Enquanto em roda, precisamos ser sensíveis e perceber como a própria música pode ser ouvida e alcançada. Ou seja, para me comunicar, necessito criar uma estratégia e, antes disso, preciso olhar para mim, perceber qual é a minha música e como fazer para apresentá-la aos outros.

Uma beleza nunca vista por meus olhos. Uma agradável sensação de estar com meu corpo, com minhas intenções, com a minha música, em roda, com a riqueza da pluralidade do humano. Saí do presídio, e uma vida se pôs em meus olhos, como nunca havia visto antes.

A EMPATIA E O OLHAR DO OUTRO NO PRESÍDIO ESTADUAL FEMININO DE LAJEADO

Etiane Pereira Moreira³

O sistema prisional é um universo repleto de histórias. Elas estão atrás das grades, nas salas de atendimento, na porta de entrada/saída, na sociedade e no âmbito individual de cada sujeito que compõe este sistema. Aqui incluem não apenas as pessoas em cumprimento de pena privativa de liberdade, mas também os agentes em sua função de segurança, os técnicos em sua função de atendimento e assistência, os professores, os especialistas em saúde, bem como cada voluntário que se insere dentro de um presídio.

Cada história contada neste sistema representa a verdade daquele sujeito que conta, cada história ouvida representa a capacidade de escuta daquele que a ouve. Não é fácil ouvir e/ou escutar dentro de um presídio.

O foco de atuação de um psicólogo é o sujeito, a escuta das suas individualidades, a subjetividade. Mas a escuta psicológica requer certa atenção, pois, “para escutar, como se deve, para que a alma acolha a palavra que lhe é endereçada, é fundamental uma economia dos gestos e palavras, um silêncio ativo e um certo recolhimento” (FONSECA, NASCIMENTO, MARASCHIN, 2012, p. 92). A psicologia é um terreno movediço; por isso, as expressões são sempre direcionadas à dúvida, à complexidade de cada caso, a uma análise mais detalhada da realidade.

Ser psicóloga no sistema prisional é uma atribuição de coragem, pois o presídio é onde a criminalidade, a violência, a marginalidade está recolhida, afastada da visão e do contexto social. Atuar como psicóloga nesta instituição social exige muita resiliência e obstinação, uma grande capacidade de tolerância à frustração e empatia.

Por quê? Porque escutamos as histórias, as demandas, as queixas, os porquês de todos os sujeitos que compõem este sistema. Sem esquecer que

3 Técnica Superior Penitenciária - Psicóloga, da Superintendência dos Serviços Penitenciários, SUSEPE.

cada história é a verdade do sujeito que a contou. Os processos, os juízes, os promotores, os advogados, a segurança, as vítimas e os familiares podem contar histórias diferentes e todas elas juntas podem ser a história real.

Então o que escutar? Tudo! Aí surge a capacidade de separar o que é meu e o que é do outro e a capacidade de ser empático.

Segundo Krznaric (2015), empatia é a habilidade de colocar-se no lugar de outra pessoa através de um processo imaginativo, buscando compreender os sentimentos, desejos, ideias, ações e as perspectivas do outro, usando esta compreensão para guiar suas próprias ações. Assim, o autor entende que a capacidade de ser empático é intrínseca ao ser humano, mas que precisamos refletir sobre a empatia nas relações, visando mudanças sociais e políticas, perceber pelo olhar do outro visando questionar pré-conceitos individuais e coletivos.

Mas este caminho empático é difícil e tortuoso, principalmente, quando o outro, a quem devemos olhar e perceber através de seus próprios olhos, representa uma parcela da população que infringiu a norma comum e vigente, rompendo os padrões do ético, do moral e do socialmente correto, quando olhamos para as pessoas presas.

O Presídio Estadual Feminino de Lajeado é um estabelecimento prisional novo, inaugurado em janeiro de 2017, com o apoio da comunidade lajeadense, visando acolher as mulheres da região em situação de conflito com a lei. Com um efetivo prisional pequeno, abriga, entre provisórias e condenadas, em torno de vinte e cinco mulheres. As tipificações criminais mais comuns são o tráfico e o homicídio.

O público feminino no sistema prisional difere muito da realidade masculina neste mesmo âmbito. Enquanto para os homens presos há filas de mulheres esperando nos dias de visita, as mulheres presas enfrentam a solidão da espera. O mesmo ocorre quando em liberdade; “enquanto o homem volta para um mundo que já o espera, ela sai e tem que reconstruir seu mundo” (QUEIROZ, 2016, p. 77).

Queiroz (2016), analisando as prisões brasileiras femininas, discorre sobre essa realidade tão pouco vista. Esbarra em mulheres de todos os cantos e de muitas histórias e destaca o quanto é “fácil esquecer que mulheres são mulheres sob a desculpa de que todos os criminosos devem ser tratados

de maneira idêntica. Mas a igualdade é desigual quando se esquecem as diferenças” (QUEIROZ, 2016, p. 19).

A realidade destas mulheres, em muitas das histórias contadas, é violenta desde o seu cerne. As agressões familiares, muitas vezes masculinas, fazem parte da vida de muitas delas. O feminino na prisão costuma ter uma casca, uma postura solitária, reflexo de uma vida sofrida, mas também tem o deslumbre do crime, do dinheiro fácil, a sensação ludibriante de poder. O universo feminino na prisão, às vezes, é repleto de falsidades, de invejas, de imaturidades, mas também de muitas raivas e tristezas.

Enquanto psicóloga no sistema prisional, tenho como atribuição prestar atendimento, assistência e acompanhamento às presas. É um ouvir sem julgar, um buscar compreender sem estabelecer conceitos, também um não deixar-se afetar pela singularidade de cada vida, mesmo que sofrida e pesada.

Mas, então, o que dizer de pessoas comuns que se inserem neste espaço prisional com o simples intuito de, como diz o ditado, fazer o bem, sem olhar a quem?

Quando as meninas da UNIVATES entraram no Presídio Feminino de Lajeado buscando a promoção da corporeidade, da arte, da dança, da expressão corporal, elas potencializaram a humanização das mulheres em cumprimento de pena ali recolhidas, as relações interpessoais, a escuta, a sensibilidade, a comunicação, a expressão e a percepção de que as vidas destas mulheres continuam pulsando, apesar de afastadas do convívio social.

Os encontros entre essas mulheres refletem possibilidades de empatia. São encontros e olhares diferentes de todos os outros que circulam neste mesmo contexto prisional; por isso, são dotados de sensibilidade, pois é no encontro que os corpos expressam possibilidades de afetar e de serem afetados, que as singularidades se conectam, potencializando novas formas de expressão do ser (KRZYNARIC, 2015).

E é no olhar daquele que não é do lugar, que pode ver aquilo que a familiaridade não costuma mais enxergar, que estas mulheres se encontram. É o “olhar o outro, olhar o entorno, olhar para si. Olhar o que se fez e deixou de fazer, as linhas e entrelinhas, o visto e o não visto” (FONSECA, NASCIMENTO, MARASCHIN, 2012, p. 169). São relações interpessoais constituídas dentro de um espaço de privação que contribuem para o fortalecimento destas mulheres,

potencializando novas formas de olhar, refletindo sobre possibilidades quando de seu retorno ao social.

Também é um olhar despido de preconceitos que pode promover uma análise crítica da nossa sociedade atual. É um convite ao olhar, olhar para os lados, olhar para si, rever condutas e posições sociais, para então repensar nossas pré-concepções.

REFERÊNCIAS

FONSECA, Tania Mara Galli; NASCIMENTO, Maria Livia; MARASCHIN, Cleci. *Pesquisar na diferença: um abecedário*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

KRZNARIC, Roman. *O poder da empatia: a arte de se colocar no lugar do outro para transformar o mundo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2015

QUEIROZ, Nana. *Presos que menstruam*. Rio de Janeiro: Record, 2016.

TEREZINHA

Marcelli Schossler Flores
Terezinha Claudete Prepe da Silva

Eu e Terezinha nos conhecemos durante as ações ao longo de quase um ano em que participei do projeto *Marias*. Até então, eu nunca tinha perguntado a ela sobre o seu crime. Não porque não quisesse saber, mas porque não me importava. No nosso primeiro encontro para escrevermos esse breve relato, quando sentamos no refeitório, eu não tinha ideia de como seria aquela conversa. Queria apenas escutar o que Terezinha tinha a dizer, o que tinha para me contar.

Ela entrou e, enquanto me abraçava forte, chamou-me como de costume: “minha menina”. Assim que nos sentamos nos bancos, expliquei por que estávamos tendo aquela conversa. Quando perguntei sobre o que gostaria que o texto tratasse, ela respondeu que queria falar a verdade.

Durante aquele encontro, conversamos sobre sua vida, sua família, mas, principalmente, sobre o tráfico, o maior erro que ela cometera e a afastara das pessoas que mais importavam na vida, as filhas e os netos. Terezinha iniciou expondo que a vida antes do tráfico era difícil, já que o dinheiro era contado, tendo que criar três filhas sem a ajuda do ex-marido e pouco tempo sobrava para dedicar-se a outras coisas, já que trabalhava numa empresa da região.

Sozinha, Terezinha teve que dar um jeito para sustentar a casa e criar as filhas. Então, após um dia pesado no trabalho, assim que chegava em casa, sem perder tempo, ia para a rua e fazia seu dinheiro render. Ao longo do tempo, a mulher, que trabalhava horas demais, duro demais, descobriu que traficar exigia menos e pagava muito mais. Se tivesse que passar a noite traficando, ela passava. Terezinha não perdia tempo.

Com o tráfico, a mulher parou de contar as moedas para pagar as contas e conseguiu ajudar as filhas e os netos. Agora, conseguiam comer bem e viver melhor. E Terezinha, mesmo sabendo que era errado melhorar a vida daquele jeito, o fazia, pois precisava do dinheiro. Era um dinheiro que vinha fácil e rápido. E dinheiro fácil e rápido era o que ela precisava na época. Como ela mesma disse durante nossa conversa: “só queria dar uma vida boa para as filhas”. Seu amor pela família a levou a uma cela longe das pessoas que ela mais amava.

Terezinha foi presa quatro vezes e, cada vez que era libertada, voltava a traficar. Perguntei-lhe se imaginava que poderia ser pega e presa. Terezinha riu, dizendo que não; na cabeça dela, jamais seria pega. Isso acontecia com os outros, não com ela. Na última vez em que foi presa, Terezinha diz que foi sofrido e doía relembrar. A avó foi às lágrimas, contando que, enquanto era levada pela polícia, seu neto gritava, desesperado, que a vó não tinha feito nada. A dor que ela sentiu naquela hora não era só pelo desespero do neto que chorava enquanto a polícia os separava, mas também por não poder concordar com o que o neto dizia. Avó tinha feito muito coisa.

Naquele dia, nossa conversa sobre o tráfico acabou ali. O sofrimento era demais, já que não queria que os netos a vissem como uma criminosa.

Passou algum tempo desde a nossa primeira conversa. Desta vez, quando cheguei, Terezinha já me esperava e, como sempre, me abraçou, agradecendo a oportunidade de conversar de novo.

Enquanto conversávamos sobre seus netos, os olhos dela brilhavam por conta das lágrimas de saudade e também de felicidade que sentia ao lembrar momentos com eles. Perguntei qual era a lembrança mais marcante que ela tinha com eles. Relatou que ela era responsável por levar os netos para a escola, já que a filha começa a trabalhar cedo. Em dias muito frios, ela os deixava dormindo na cama e se deitava com eles. Rindo, Terezinha disse que os avós podem estragar os netos. Naqueles momentos, deitada no meio dos netos, ela tinha certeza de que todos os problemas haviam desaparecido e que poderiam ficar ali para sempre.

Com os olhos marejados, falou da saudade que sentia de estar com a família toda reunida e da dor que fez seu neto passar. Nossa primeira conversa terminou justamente quando entramos nos detalhes da sua prisão. Na última vez em que foi presa, havia trabalhado na empresa e, quando já estava em casa, a polícia entrou arrombando a porta e arrancou-a dos braços do neto mais velho, levando-a de casa. Terezinha não gostava nem de pensar que ele poderia ter aquele momento vinculado a ela.

A dor de lembrá-lo fazia-a retirar o esmalte com as unhas. Era difícil falar sobre o momento em que deixou o neto aos gritos, implorando que a polícia não a levasse.

Perguntei se os netos vinham visitá-la. Terezinha confirmou e explicou que vinham visitá-la em finais de semanas diferentes, para não precisarem disputar a atenção da avó. Ela comentou que fazia algum tempo que não tinha contato com todos juntos e que gostaria de poder estar com todos reunidos.

Com o dinheiro extra do tráfico, Terezinha conseguiu dar aos netos presentes bons e caros. Conseguiu dar o brinquedo da moda, roupas e sapatos variados. Conseguiu dar tudo o que queriam. Naquele momento, Terezinha baixou o olhar e silenciou por alguns segundos e voltou a falar: “dei presentes bons a eles, mas não dei o que eles mais queriam, a minha presença, o meu tempo. Dinheiro nenhum paga a falta que sinto deles”. Talvez o maior erro de Terezinha, essa mulher que não perdia tempo, tenha sido não perder tempo com as pequenas e boas coisas que dinheiro nenhum pode comprar.

Perguntei o que ela esperava para o futuro. Terezinha então contou que estava trabalhando na cozinha e ia para escola, não apenas para reduzir a pena, mas também, para aprender e para passar o tempo. Perguntei qual era sua matéria favorita e ela, rindo, disse que era História. Ela também comentou que, quando não estava trabalhando ou na escola, lia e que adorava os grandes clássicos da literatura, como Jorge Amado, Machado de Assis e Carlos Drummond de Andrade. Terezinha afirmou que levaria com certeza o hábito da leitura para fora do presídio.

Além disso, ela contou que outro plano para o futuro, quando estivesse livre, era fazer um curso de cuidadora de idosos. Antes de envolver-se com o tráfico,

ela exercia a função, fazendo alguns bicos para ajudar uma vizinha e outra. Somente agora estava percebendo que esta poderia ter sido uma maneira de conseguir um ganho extra, pois gostava de cuidar de idosos.

Hoje, vejo a Terezinha não apenas como mãe e avó, mas também como uma mulher que gosta de História, de ler os clássicos da literatura e de fazer crochê; uma mulher que busca uma vida digna junto com suas filhas e seus amados netos. Após a nossa conversa, percebi que as pessoas cometem erros, o que não significa que não sejam boas e que não tenham sonhos. Devem cumprir as penas, mas ser-lhes permitido se reerguerem. Terminei esse relato com as últimas palavras da Terezinha naquele nosso segundo encontro: “não me julgue pelas vezes que caí, mas me toma como exemplo de como me levantei”.

CAMINHOS

Bibiana Cristine Scheer

Nasci. Fui para casa.

Pai, mãe, avó; só tive amor, carinho e zelo.

Adoção! Adoção?

Pai, madrasta, avó; só tive amor, carinho e zelo.

Pai biológico, mãe do coração. Mãe biológica não me quis. Fui rejeitada quando bebê.

Pai, mãe do coração, avó; só tive amor, carinho e zelo.

Meu pai faleceu... Revoltei-me. Saí de casa. Trabalhei. Me envolvi. Errei. Mudei.

Saí de casa. Trabalhei. Estudei. Busquei.

Fui presa.

Dor. Oportunidade. Paciência. Saudade. Dias, semanas, meses. Um ano.

Oportunidade. Paciência. Dor.

Quando me colocaram na viatura, eu agradei: “Muito obrigada, Deus, por estar indo presa e não estar indo morta!”.

Eu tive muito amor da minha família, mas sentia uma revolta tão grande, que não conseguia aproveitar aquele momento. Eu aprendi pela dor, porque eu quis. Eu errei e estou pagando.

Quero sair daqui para não voltar! Quero minha liberdade. Tenho saudade da comida da minha mãe, saudade da minha vó. Tenho mais quatro irmãos que minha mãe biológica abandonou. Quero cuidar deles.

Eu cursava Letras Português – Inglês, mas vou trocar para Direito. Quero tirar essas mulheres da cadeia. A justiça também tem que ser justa, mas sempre o menor acaba pagando mais. A cadeia não é vida, é um jogo e tem que saber jogar. E quando a gente não gosta, a gente atura.

Cadeia. Dor. Paciência. Oportunidade. Amor.

Mãe do coração, avó. Só amor, carinho e zelo.

Vou sair daqui. Vou voltar pra casa.

QUANDO O DIZER DA VIDA DÓI

Fabiane Olegário
Neuza Clair Machado da Silva

Narrar a vida é, de certa forma, convocar a memória.
A narrativa volta-se à infância.
O corpo todo está presente.
O passado em cena, os fatos, as personagens.
Bem que poderia ser um filme, desses que a gente vê na TV.
Mas, não é.
Ela narra revivendo.
Eu estou junto, dentro da história.
Ao mesmo tempo que quero sair, sinto a necessidade de estar.
E assim, sinto o sabor amargo de cada palavra que chega invadindo a sala de aula.
A sala de aula lembra escola, criança, ensino, aprendizados.
Nesse momento, eu aprendo.
Aprendo com ela.
Ensina o quanto as experiências podem ser violentas, sofridas e amargas.
É a vida que pulsa num corpo que sabe da sua dor, que grita, ao dizer sente outra vez.
As lembranças, as memórias.
Narrar a alma ferida
É encontrar as palavras para dizer,
De um padrasto.
De uma mãe.
De um pai.
De três filhos meninos.
De duas netas.
Netos, ah, quanta saudade!!!
A alma grita silenciosa.
O grito ecoa pela sala de aula, bate e volta dentro do peito.
Fica preso.
A cena do neto, o colo da vovó.

A lembrança mais doce para ela, que ama.
Estar longe daqueles que amamos, essa é a punição da alma.
E o senhor Olavo?
Amigo do pai.
Pai.
Vem dele, a fonte de amor, o acolhimento, a preocupação com a filha.
A mãe?
Talvez, estivesse ocupada demais.
Tem pessoas que sentem de forma estranha.
O pai que viu, o pai que tirou.
Ato de amor.
Abrigo no mundo.
O mundo é grande demais, mas pode ser a nossa casa.
A rua não tem parede, nem chaleira chiando no fogão.
E, quando a rua abre os abraços acalentando a alma?
Morar na rua.
A dor já morou demais num peito.
Mas, tem só 14 anos.
E, parece que tem muito mais.
Aprendeu coisas que jamais imaginava.
Gostava de estar na rua.
Mas, quando o estômago sinaliza a fome?
Alma sossegada? Será?
Mas, o corpo ainda grita, posso ouvir.
Vamos para uma casa de verdade.
O convite.
O esconderijo.
Corpos desconhecidos.
Misturas perigosas.
O rosto do pai na porta.
O desespero.
Gesto paterno, gesto de amor.
Sinto o calor que emana desse encontro.
Tudo de novo.
A mãe e o padrasto.
Virar a página, não foi possível.
Primeiro filho.
Cedo demais.

Adeus, filho.
Não é o seu lugar.
Entrega geral ao mundo.
Ele cobrará mais tarde.
Em meio a este percurso que segue.
Uma interrupção.
O amigo voltou.
Ele representa o amor do pai.
A vida muda.
Das alucinações.
Sobra a fumaça transparente da vida.
Outra forma de estar no mundo.
Oportunidade, sorrisos.
Que bom conhecê-lo.
O filho está bem, ela sabe.
Curso de vigilante.
Que orgulho de si mesma.
Uma casa de verdade, construída com ajuda.
A vida quase não cabe de tanta alegria.
Segundo filho.
Terceiro filho.
Filho perto, mora em frente à sua casa.
A vida segue o curso.
Casa, rotina, trabalho, filhos.
O amigo, as trocas, os conselhos.
Contudo, um dia de verão, janeiro de 2017.
De vigilante, passa a ser vigiada.
Um homem de chinelas e rádio na mão se aproxima.
Pergunta o seu nome.
Ela responde de pronto.
Ele a convida a segui-lo.
Pede licença para tirar o uniforme de trabalho.
Ao dizer o fato para aqueles que ama,
Muitos risos.
Mais uma brincadeira dela.
Mas, o riso cessou e deram passagem as lágrimas contidas.
O que ela fez?
Nada era dela, nada lhe pertencia.

Era do outro lado da rua, de outra pessoa.
Agora é dela?
9 anos e um mês,
Tempo *cronos*, tic-tac, tic-tac
Santa Cruz do Sul,
Cozinha, comida boa e desavenças.
Precisa seguir, não quer morrer.
Das mãos que mexem a panela.
Das mãos que gesticulam para sair.
Encantado.
Passou rápido.
Lá encontrou um amor.
De Moço magro para homem forte.
Cartas apaixonadas.
Sentimento bonito, conselhos recíprocos.
Lajeado.
Novembro de 2018.
Há pessoas boas, amigas, companheiras de cela.
Mas, também há o contrário.
É preciso calma e lenta respiração.
Junho foi de esperança.
Setembro é a esperança.
Tem planos.
Quer voltar para sua casa.
Ver os filhos, os netos.
Não os vê, desde Santa Cruz do Sul.
Mas, o que houve?
Não há resposta para o que não sabe.
Voltar ao trabalho.
Em outra função.
Anota o número.
Talvez não nos veremos.
Abraço-a bem forte.
É, só o eu que posso fazer.
É só o que eu posso oferecer.
A porta se abre.
Eu saio.
Ela fica.

Entro no mundo de fora.

Ela entra no mundo de dentro.

Dois mundos.

Desiguais em muitos aspectos.

O que os une, ambos são habitados por gentes.

Gentes do lado de dentro e do lado de fora,

que sentem as dores e as alegrias do mundo em que vivem.

O QUE A VIDA ME TROUXE - A HISTÓRIA DE SUH MOURA

Raquel Vian Rodrigues
Su Moura

No dia D...

Tudo que me haviam informado era que íamos viajar; porém, eu só soube que estávamos viajando mesmo depois de horas no carro. Estavam meus filhos e eu junto com Carlos, um amigo que conheci na boate onde eu trabalhava. Estávamos andando há horas, quando chegamos em Mangueirinha, no Paraná. Nosso companheiro de viagem saiu do carro, mas eu não sabia o que estávamos para fazer, apenas segui o que ele me falava.

Carlos me entregou alguns documentos e mandou copiar a assinatura de uma mulher que não era eu, como estava demonstrado em uma das folhas que ele me entregou. Eu não estava entendendo direito o que estava acontecendo, mas concordei e logo depois entrei no instituto onde nos estávamos estacionados. Antes, Carlos ordenou:

- Vai e entrega esses documentos lá.

Eu estava com medo. Não queria fazer aquilo.

- Mas como?

Ele entregou-me um documento com um endereço que eu desconhecia, mas que era da tal mulher mencionada nos documentos. Convencida a não insistir, entrei no local. Após entregar os documentos à atendente do INPS, o instituto mencionado anteriormente, comecei a mexer no meu celular e a conversar com conhecidos meus para não demonstrar o nervosismo que estava fervilhando em minhas veias. Meus filhos e o Carlos já haviam deixado o local. Eu estava sozinha nessa situação.

Depois de solicitarem que eu esperasse, a atendente, que parecia ter reconhecido o endereço que eu havia entregado, me lançava olhares de dentro da sua sala. Eu estava ferrada. Aguardei um tempo e logo depois dois policiais apareceram, solicitando que eu os seguisse até a delegacia, onde começaram a me interrogar. Eu não tinha como mentir – havia filmagens de tudo que tinha ocorrido naquela manhã - . Desconfiando do carro em que cheguei, pediram que eu dissesse o que tinha dentro dele (imaginavam que havia drogas, talvez?). Encurralada, apenas mandei uma mensagem para o Carlos, que logo me ligou. Coloquei no viva voz, como os policiais haviam exigido e marcamos o lugar de nos encontrarmos, onde os policiais iriam prender meus filhos e nosso acompanhante.

Tudo o que os oficiais haviam dito foi cumprido. Marcamos o encontro num motel, onde Carlos foi preso. Meus filhos saíram ilesos.

No passado...

Pouco me lembro da minha infância e de outras informações; porém, o que lembro vou contar para você. Nasci na Argentina, mas, com oito meses, fui registrada no Brasil. Sendo assim, eu tinha naturalidade e nacionalidade diferentes. Aos dois anos, meus pais se separaram. Então, fui viver com meu pai, que, na verdade, havia me tirado da minha mãe. Meu pai já havia casado novamente e morávamos no meio de um mato perto onde ele trabalhava. Por medo do ambiente ao redor, nunca cheguei a acompanhá-lo em dia de trabalho.

Até aqui, tudo estava bem.

Um dia, meu tio ficou cuidando de mim. Eu estava com muita fome e, para ter comida, eu tive que tocar no meu tio. Esta foi a primeira vez que eu havia sido abusada, mas, infelizmente, não foi a única. Anos depois, quando já tinha 5 anos, estava morando com a minha vó. Como se percebe, nunca tive uma casa fixa para chamar de “meu lar”. Lembro-me de, tempos depois, chegar feliz perto de minha avó, anunciando que eu tinha passado de ano na escola, uma de minhas poucas vitórias na vida.

Aos 7 ou 8 anos, recordo de acompanhar meu pai na festa de um padre, que era muito amigo dele. Em determinado momento, o padre me levou para um mato, um pouco longe da casa. Ele pediu que eu tocasse nele e, sem entender, apenas cedi aos seus pedidos.

Após completar 9 anos, eu fui morar com outra pessoa, a mãe de uma amiga minha. Um dia, buscando conseguir dinheiro de alguma forma, minha avó me buscou e me levou em uma kombi na qual estavam alguns homens. Antes de entrar, minha avó apenas pediu que eu me comportasse, pois ela precisava de dinheiro. Novamente fui abusada. Até os 25 anos de idade, tive pesadelos com isso.

Cansada de tudo que já havia ocorrido comigo, aos 13 anos, fugi de casa. Por um tempo, morei na casa dos vizinhos, onde também viviam muitos homens. Após dois anos, acabei engravidando de um amigo do meu padrasto e, junto com ele, fugi, com a promessa de ser amparada por ele. Naquele ano, nasceu Jenifer, minha filha mais velha. Depois, aos 18/19 anos, nasceu minha segunda filha.

Aquela promessa de ser ajudada foi esquecida. Eu estava nas mãos de um companheiro ciumento e agressivo. Buscando proteger minhas filhas, tentava a todo custo não engravidar mais e tentar fugir daquele homem; porém, engravidei novamente e tive um menino, meu último filho. Somente com 33 anos de idade, consegui fugir do meu até então parceiro. Sem muitas opções, comecei a trabalhar numa boate como acompanhante. Anos depois, casei novamente. Sempre sonhei com o príncipe encantado e achei que o havia encontrado. Engano meu. Estava de novo com outro homem ciumento, o que resultou em outra fuga, após 3 anos de convivência.

Acabei passando alguns meses na casa da minha mãe, fora da cidade, e depois voltei novamente para Lajeado. Na boate onde eu trabalhava, conheci Carlos. Ficamos muito amigos e eu confiava muito nele, o que resultou também numa amizade com minha filha. Nós o trazíamos para nossa casa e convivíamos muito. Carlos era praticamente da família.

No presente...

Estar na prisão me trouxe mais do que já esperei um dia desse ambiente. As outras detentas e eu nos respeitamos muito. Diferente do que pensam os que estão fora, a vida na prisão não é bem o que imaginam, pois a maioria das mulheres não está lá porque quer, mas porque precisaram tomar certas decisões. Sustentar os filhos é a mais importante, não importa a forma como conseguiriam fazê-lo.

Sempre quis ter meu próprio negócio. Até cheguei a abrir uma barraquinha de cachorro-quente, um pouco antes de ser presa. Nunca quis me prostituir na boate onde trabalhei por um certo tempo. Se tivesse outra opção, nunca teria colocado meus pés lá. Naquele lugar não existe liberdade, apenas pessoas querendo momentos e prazeres fúteis.

Além do respeito, também aprendi, dentro do presídio, que todas pessoas são iguais. A história de cada detenta que estive ao meu redor modificou minha visão, o que me fez ver que não temos tantas diferenças assim e que estamos muito mais ligadas do que imaginamos.

VERSOS DE MARIAS

Bibiana Cristine Scheer

Menina. Mulher.
Sabe o que quer?
Briga, se envolve
Brilho, resolve
Corre, caminha
Passos na linha.
A linha desenha,
A linha resenha,
A vida escolhida,
Caminhos da vida.

Agora, mulher,
Sabe o que quer?
Sorri para a vida
Luta de novo!
Paciência e silêncio
O tempo e o vento.

Experiência de roça
Erva e melado
A mulher se engrossa.
Agradece e reflete
Vê sua justiça
Oportunidade também,
de ver a injustiça

direito meu,
direito seu.

Agora ela vai
Pra sua casinha
Ela tem um lar
E uma família
Desde sempre,
Olhando pra estrada
Foi tão longe
E agora volta pra casa.

O TEMPO E O DESTINO: COMPANHEIROS DE CELA

Róger Sullivan Faleiro

O objetivo de um professor engajado sempre será fazer a diferença... Talvez, em muitas etapas, em ambientes diversos, longe do quadro branco, realize tarefas ora comuns, ora peculiares, mas sua essência sempre estará lá, presente.

Esse aspecto nos motivou a crer que nossa presença seria importante num ambiente diferente de tudo que havíamos feito até então, porque “fazer a diferença” inquieta os corpos e nos leva sempre a desbravar novos caminhos.

A busca nos levou ao Presídio Feminino de Lajeado, um espaço que sempre se apresentou como um paradoxo em nossas mentes. Fortes paredes, corpos frágeis.

Começamos a nossa trajetória com encontros tímidos, mas que, com o passar do tempo, tornaram-se tão assíduos que nos constituímos como grupo, construído por professores e apenas aquelas que realizavam trocas profundas e significativas, num curto período de sessenta minutos. Durante esse período, desenvolvíamos diversas oficinas relacionadas à corporeidade, à arte e à leitura.

Algumas mulheres, durante as práticas, optavam por assistir às colegas tomando chimarrão, conversando. Senti que aquele grupo também poderia ser alcançado de alguma forma... Mas, como?

Conforme o grupo aumentava, conseguíamos revezar entre quem ministrava as oficinas e quem ficava para auxiliar e organizar as detentas. Sempre que sobrava um tempo, dedicava-me a conhecer um pouco mais a história por trás da vestimenta laranja e branca.

Lembro que, durante o passar de cuia, ouvia relatos, desabafos, que tinham o poder de animar o dia ou tornar o mate mais amargo. Algumas diziam que estar ali era resultado de seus atos ou até do destino, do carma,

pensamentos resultantes das leituras de livros espíritas que liam na cela, para aliviar o tempo que se arrasta.

O que me animava entre um relato e outro era o sentimento de esperança. Alguns diálogos se tornaram muito marcantes durante essa trajetória: “Saiu minha sentença, saio daqui a dois meses!”. Sim! Construiria uma nova vida, junto com sua filha que estava ao seu lado, escutando as metas da mãe. Depois de três meses, quando saí da escola onde lecionava, encontrei as duas indo para a casa, conversando e sorrindo. “Acho que ocorreu como o esperado”, pensei.

Já outras, com pena mais alta, diziam que ali era como se pertencessem a um mundo paralelo. Não sabiam mais como “era lá fora”, não recebiam visitas, seus familiares eram de cidades distantes, mas isso não as impedia de traçarem novos rumos quando aquela barreira cinza e as grades de aço deixassem de acordá-las todas as manhãs. Diziam que o Tempo era um bom conselheiro e que as ajudava a refletir sobre como foram parar ali.

Além das oficinas e das conversas que tínhamos, o melhor momento era o do agradecimento: “obrigada por acreditar em nós”; “fico esperando a semana inteira para ver vocês, podiam vir mais vezes!”. Nos despedíamos cada vez mais com a sensação de que o tempo diminuía, mas alegres por lembrar que aqueles olhos que carregavam tantas histórias apresentavam um semblante emocionado, que, a cada encontro, tornavam-se mais altivos e esperançosos. Tais lembranças reforçavam que ali nossa presença era inestimável; a diferença estava sendo feita.

MARIA, MARIA, É DOR E ALEGRIA

Nicole Morás⁴

Tem algumas experiências que transformam a gente, não é mesmo? Viajar é, pra mim, uma das principais formas de colocar em suspenso as minhas certezas e me permitir voltar diferente. Ser jornalista também me transforma cada vez que eu posso contar uma história e aprender com a minha fonte. De todas as possibilidades que a minha mente pode criar, eu jamais imaginei que uma das experiências que mais me transformaria aconteceria numa sexta-feira do mês de junho, no dia do jogo entre Brasil e Bélgica, na Copa do Mundo da Rússia, em 2018. Engana-se quem pensa que é porque eu estava no estádio vendo o Brasil perder. Eu estava a tantos milhares de quilômetros da Arena Kazan que o *Google Maps* nem consegue calcular.

A cidade era Lajeado, mais ou menos 8h30min, quando saí do setor de Marketing e Comunicação da Univates para conhecer as atividades do Projeto de Extensão *Marias*. O destino? O Presídio Estadual Feminino de Lajeado. Na entrada, credenciais, cadastro e os procedimentos para acessar o local onde o céu nublado daquele dia de inverno não podia ser visto, mas onde havia, no entanto, o colorido do laranja e, mais do que isso, dos sorrisos que nos esperavam. Estavam reunidas numa sala, as 20 mulheres que cumpriam pena com privação de liberdade. A professora Silvane e as voluntárias do projeto de extensão eram aguardadas. Eu chegava ali como uma estranha, mas, nem por isso, deixei de ser acolhida pelo grupo. Por uma manhã inteira estivemos ao som do forró na festa junina improvisada, suas brincadeiras, alguns quitutes típicos e muita integração. Naquele dia, tenho certeza de que São Pedro, com seu dia cinza, morreu de inveja do São João.

Lá, conheci histórias de mulheres que sonhavam cursar faculdade ao saírem do Presídio; outras viam no crochê uma oportunidade de futuro; ainda havia quem precisaria lutar muito contra si quando saísse, para não recair e voltar

4 Jornalista

para lá. Retornei à Univates com algumas fotos tiradas milimetricamente para preservar a identidade das apenadas, com muitas histórias no bloquinho e com um aperto no peito.

Era de tarde. Os setores estavam parados, porque o Brasil jogava. Mas eu estava lá, imersa nas sensações que aquela experiência havia me proporcionado. Aproveitei os sentimentos aflorados para escrever meu texto e nem vi o Brasil perder de 2 a 1. Naquele dia, voltei para casa feliz por haver projetos que levam sopros de esperança e palavras de conforto e incentivo para quem, muitas vezes, nem acredita em si mesmo. Mas o meu sentimento maior foi de perplexidade e de aperto no peito. Eu, tão livre, tão ávida por viagens, por independência, eu não conseguia imaginar como seria uma vida sem liberdade. Colocar-me na situação daquelas mulheres foi, com certeza, a pauta mais transformadora que eu já fiz. Por isso, lembro aquele dia com tantos detalhes. Foi com elas que eu aprendi, de fato, a respeito dos meus privilégios. Foi com elas que eu entendi o tanto que precisamos olhar diferente para a pessoa enquanto sociedade. Foi com elas que eu aprendi que sempre vai existir algum motivo para sorrir.

E eu levo isso comigo. Hoje escrevo essas linhas já passados mais de dois anos. Agora, com quase 33 anos, encerrei um ano de tratamento de um câncer de mama. Mesmo enfrentando as prisões do meu próprio corpo, a falta de liberdade imposta pelos efeitos colaterais de uma quimioterapia e de uma cirurgia e o desafio de carregar o estigma de ser sempre a guria que teve câncer, eu nunca deixei de sorrir. E tem sido essa experiência, também muito transformadora, que me mostrou que somos todas Marias. Afinal, como bem já cantou Elis, a música de Milton Nascimento: Maria, Maria, é dor e alegria.

POEMAS FEITOS POR UM CORPO APRISIONADO, MAS UM CORAÇÃO LIBERTO E APAIXONADO...

Texto: Elisandra Cristina Vieira
Desenhos: Tatiane Regina Soares

AMIGAS LIBRIANAS

Somos iguais e tão diferentes
Às vezes tristes, outras contentes
Amamos com toda intensidade
Procuramos viver na verdade
Precisamos nos sentir amadas
E, ao mesmo tempo, respeitadas
Simplesmente librianas
Além de amar, nos entregar
Somos companheiras.
Sofremos, sorrimos, nos alegramos
Hoje aqui poucas histórias vivemos
Lá fora nos encontraremos
E juntas teremos
Uma bela amizade
Com toda sinceridade
Respeito e lealdade
É o que te desejo de verdade
Quero que você brilhe mais
Que sol em dia de praia
Minha doce amiga Daia.



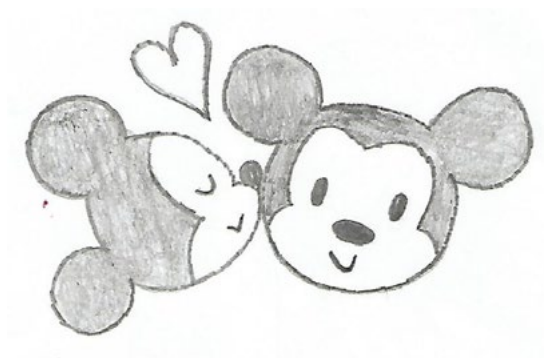
CICATRIZES

Hoje me sinto respeitada
O que me resta é ficar calada
À espera da noite solitária
Do amanhã, o que esperar
Só tenho a relembrar
Os momentos felizes
Em meio as cicatrizes
Será que serei amada?
De verdade.
Amo com tanta intensidade
Aquele pessoa
Que hoje me magoa
Acabo sem rumo
Num sofrimento profundo
Só quero ser feliz
Mas como?
Se o meu amor
Não me quis.



AMOR

Como não amar
Como não sofrer
Sinto o vazio me abraçar
Acho que vou enlouquecer
Sinto o teu cheiro
Fecho os olhos e te vejo
Não quero pensar
Mas como não me apaixonar?
Me sinto sozinha
Debaixo deste céu estrelado
Pensando em você
Não vou desistir
Vou prosseguir
E juntas novamente iremos sorrir.



DISTANTE

Sabe aquele sentimento?
Que não cabe no peito
É o que sinto por você
Nesse momento
Às vezes me faz sentir
A pessoa mais amada
Em outros momentos,
Estou sozinha, triste, calada,
À espera da madrugada
Sinto você tão perto
E, ao mesmo tempo, distante
Como lidar com isso?
Você é minha luz
O meu guia
Sol que me irradia
Ventania, tempestade,
Em noite fria é você
Mas não quero te esquecer
Só me faz te querer
Cada vez mais
Te amo
Você é minha paz.



ALEGRIA

Sabe aquela alegria
Contagante
Que está em meu peito
Me deixa ofegante
Satisfeita
Me sinto radiante
Vida que não quer parar
E, ao mesmo tempo
Ultrapassa qualquer barreira.
Me deixa leve
Me vejo como uma
Verdadeira guerreira
Que triunfa
Nos sonhos mais belos
E nos amores mais singelos.



NUNCA É TARDE PARA UM RECOMEÇO

Texto e desenhos: Deise Cristiane dos Reis

Gostaria de falar com as pessoas que não gostam de se comunicar, com aquelas que se escondem de outras pessoas quando as veem. Acham que o melhor é guardar para si tudo o que gostariam de falar, porque tudo que queriam pôr para fora pode ofender os outros. Ninguém as ouve, por acharem que o que falam é bobagem. Quando elas têm coragem para fazer algo, dizem que não são capazes, que nunca vão conseguir nada na vida. Quero falar com as pessoas que não se acham bonitas, que não se amam e pensam até em tirar a própria vida.

Estou aqui para falar com elas, porque eu era assim. Não gostava de falar com ninguém, pois diziam que não tinham tempo de me escutar. Quando me escutavam, diziam que eu estava errada. Diziam que nada ia dar certo,



que eu nunca seria capaz de fazer algo na vida. Comecei a perceber que ninguém me ouvia, minhas opiniões não valiam de nada, foi assim que me fechei para tudo e para todos.

Transformei-me no que falaram que eu era... feia, gorda, incapaz de tudo. Virei um peso na terra, me odiava, comecei a não me aceitar. Tudo piorou quando perdi uma pessoa muito importante, minha avó. Ela era minha base, meu tudo... perdi minha fé, fiquei sem chão. Por que comigo? Não entendia o motivo por que Deus estava fazendo isso comigo. Sofri muito, mas calada.

Fui ao psicólogo, mas não adiantou. Fugia de todos e de tudo. Tinha medo de enfrentar a vida, por não me achar capaz. Como não conversava, comecei a escrever mais, escrevia para mim, desabafava... Tudo o que queria falar, xingar, tudo o que eu queria pôr para fora, colocava no papel. A caneta e o papel eram meus melhores amigos, já que eram os únicos que não me criticavam pelo que eu era. Nunca me chamaram de burra por falar que queria estudar, fazer uma faculdade, ser uma bióloga marinha. Era esse o meu sonho.

Ficava trancada no meu quarto, não saía... Só escrevia e depois, claro, jogava tudo fora. Encontrei-me na arte, amo desenhar. Meus desenhos expressavam tudo o que sentia; olhar para eles me fazia bem. Lia muito, mas nunca gostei de falar sobre isso. Meu jeito de me expressar é diferente. Talvez, por isso, nunca me entendiam ou eu que nunca quis entender os outros, ainda não sei.

Achavam-me estranha por isso. Sofria muito. Era uma pessoa amargurada com a vida, pensei até em me matar. Não só pensei como também, muitas vezes, tomei remédios para pôr fim à vida. Uma vez até coloquei um lençol no meu pescoço e me larguei para morrer, pois minha



vida não tinha mais sentido, nem rumo... Tiraram-me de lá bem na hora; não era meu momento.

Tudo se intensifica, pois ainda sofro preconceito. Não sou aceita nem pela minha família, nem pela sociedade. Somos discriminadas, somos bichos no olhar das pessoas, tudo por ser casada com quem amo, com uma mulher. Acham que não somos como eles. Comecei a usar drogas por pensar que elas iam diminuir minha dor, meu sofrimento, minha agonia. Não falava com a minha família sobre isso; nunca iam entender, pois já não me escutavam antes, nem me apoiavam em nada.

Eles também não acreditavam em Deus. Passei por muitas dificuldades por não falar sobre mim. Guardar tudo isso é a pior coisa... Dói, vai correndo a gente por dentro. Comecei usando maconha. Então, entrava numa *vibe* e estava tudo perfeito. Não me preocupava com nada. Conheci o álcool, bebia de tudo. Comecei a me envolver com pessoas que me acompanhavam nas drogas. Depois, comecei a usar cocaína, daí só foi piorando.

Usei por muito tempo, só que chega um momento que não faz mais efeito. Conheci a pedra de crack. No começo, usava com cigarro, depois passei a usá-la com maconha, até chegar a usá-la pura, mas não, por muito



tempo. Já estava no fundo do poço. Andava suja, dormia nas ruas, mas não largava as outras drogas, porque elas me faziam esquecer tudo que estava acontecendo comigo; já não falava mais com ninguém.

Fiz muitas coisas erradas para conseguir usá-las. Hoje em dia, ainda pago o preço por ser fraca, por deixar me iludir com o que as drogas fazem a gente sentir na hora, mas, depois do efeito, tudo volta a ser como era antes ou até pior. Botava a culpa em todos, porque “é sempre mais fácil culpar os outros pelos nossos erros que reconhecer que os grandes errados somos nós”.

Quando tinha 27 anos, casei com a Rose. Ela fez de tudo para me ajudar. Primeiro me incentivou a parar de usar drogas. Falava que com o dinheiro que usava para comprar drogas, poderia comprar todas as minhas coisas que sempre quis, que podia conhecer lugares novos. Ela me ensinou que sem as drogas eu poderia fazer tudo. E é verdade. Já fomos para vários lugares, fizemos várias viagens. A que mais me marcou foi a viagem para o Balneário Camboriú/SC, onde passeamos de helicóptero e nos divertimos na *Oktoberfest*.

Vi que tudo podia melhorar. Agora, compro tudo o que quero, faço muitas coisas com minhas moedas, pago minhas contas de casa e até



economizo. Antes não sobrava nada. Tudo era gasto em drogas. Tenho uma amiga que sempre diz que a Rose foi um anjo que apareceu na minha vida, pois ela me ajudou muito, assim como minha amiga que me ofereceu vender roupas com ela, para conseguir dinheiro e conversar com outras pessoas. Se eu não falava, não vendia e não levava dinheiro para casa, nem pagava as contas.

Esse dinheiro ia ajudar a realizar nosso sonho de comprar e reformar a casa onde morávamos de aluguel. Então, criei coragem e fui sozinha vender roupas... Passava de porta em porta oferecendo os produtos. Tinha que conversar com as pessoas. Era difícil para mim, mas não, impossível.

Conversar com o público já não era mais tão difícil. Hoje junto o útil ao agradável e virei tatuadora, pois, como eu disse antes, adoro desenhar e me sinto bem fazendo isso. Precisei me comunicar mais, mas já é mais fácil sair sem ficar me escondendo de todos. Antes, até um simples “oi” era difícil de falar. Hoje, brinco com todos e me sinto bem melhor do que antes.

Aprendi a me amar, a me aceitar do jeito que sou. Aprendi a perdoar, porque fui uma pessoa muito egoísta. Hoje, acredito em Deus, sei que Ele existe, sim, pois sem a sabedoria e a bondade dEle, eu não estaria aqui e não teria aprendido tantas coisas.



Quero dizer que ninguém deve desistir; não deixe ninguém falar por você. Siga seus sonhos, encare sempre aquela porta mais estreita, aquela que tem muitos obstáculos na frente, pois a mais fácil não leva a lugar algum. É a difícil que te leva à vitória, mostra que somos capazes de sermos alguém e que temos força, por mais difíceis que sejam nossos problemas.

O bom de tudo isso foi que aprendi a ser forte e a ser capaz de desafiar a mim mesma. É claro, a arte esteve sempre comigo e fez parte de tudo isso. Sem ela, seria muito pior, já que não sabia me expressar, o que era muito ruim.

Bom, estou aqui, porque quero dizer às pessoas que, por pior que seja a vida, tudo tem jeito. Gostaria de me dirigir às pessoas desesperadas, descontentes com a vida: No fim, tudo se acerta! A vida é mágica e sempre se arruma uma maneira de dar certo. Cometer suicídio não é solução. Se fosse, Deus não nos concederia o poder da escolha; matar-se anularia o poder dEle. Ninguém está sozinho. Há sempre um centro de apoio à vida, uma amiga para procurar ajuda, um bom filme pra assistir, um bar para encher a cara e chorar as mágoas, um livro para ler, uma roda de samba para divertir-se, uma caminhada num parque, um trabalho voluntário, uma visita a um parente necessitado e até mesmo o perdão a si mesmo.

Todos nós temos o direito de errar. O erro é a garantia certa de que, mais cedo ou mais tarde, vamos chegar ao sucesso. Então, se você pensa em fazer algo de errado com a sua própria vida, reflita. Se conhece alguém com essa tendência vá lá e lhe dê um abraço apertado. Às vezes, o que mais precisamos é de alguém próximo da gente, um ombro amigo ou apenas um sorriso.

Aprendi finalmente que o mais importante é saber que, apesar dos pesares, acertando ou errando, todos nós sempre estamos caminhando rumo à nossa felicidade. Cada um conquista os objetivos à sua maneira, conquista o tão desejado lugar ao sol.

CARTAS ÀS MARIAS

Amanda Cherini Ferraz
Amanda Zerbieli Nicaretta
Bibiana Cristine Scheer
Bruna Scheeren
Fabiane Olegário
Lara Kalkmann Goulart
Marcelli Schossler Flores
Silvane Fensterseifer Isse

Quando o ano de trabalho do projeto se encerra, ainda que a avaliação de nossas ações aconteça o tempo todo, procuramos olhar mais atentamente para o que vivemos, para o modo como construímos nosso planejamento e de que forma nossos encontros afetaram cada uma de nós, professoras e estudantes extensionistas.

No final de 2019, a proposta foi que cada integrante da equipe escrevesse uma carta às Marias, contando como tinha sido sua experiência nos encontros com elas e o modo como isso reverberava em suas vidas. As cartas, é preciso dizer, transbordaram de sensibilidade, afeto, empatia e aprendizagem. Era preciso que as Marias pudessem lê-las! Então, durante o verão de 2020, enquanto estávamos de férias na universidade, as Marias receberam uma carta em cada manhã de sexta-feira, no dia e horário em que estaríamos com elas. As cartas foram um modo de estarmos presentes no pátio, na cela, na roda de chimarrão...

CARTA nº 1

Queridas Marias!

Primeiro, espero que estejam bem, mesmo sabendo o quanto é difícil estar nesta condição: presas e longe das pessoas que amam. Vocês também sabem disso; por isso, encaram de frente as dificuldades, com boas doses de fé, ombro amigo e muita coragem para passar os dias dentro da cela. Há um mundo lá fora, um mundo grande, onde cada uma deseja estar, pois nele encontrarão as pessoas que amam. Nenhuma de vocês esqueceu o amor, não há como conter esse sentimento; ele é maior que tudo, não há cela que o suporte, tampouco, paredes capazes de aprisioná-lo. Tenho para mim que, enquanto houver amor, nada no mundo impedirá a felicidade de ninguém. Sempre ouvi dizer que, em tudo na vida, há dois lados e com eles aprendemos muito. Se, no passado, um determinado momento da vida tenha sido ruim para vocês, o presente vem carregado de reflexões e aprendizados; o futuro, por sua vez, será de muita gratidão e vontade de acertar. Mas, vejam, o amor continua dentro do peito de cada uma, ele não morrerá jamais; ao contrário, ele estará ainda mais forte. Conhecê-las foi um presente, cada minuto com vocês foi de extrema alegria, sinto não poder ir mais vezes. Mas quero que saibam que é bom estar entre e com vocês e perceber o quanto aprendo com cada uma. Não há como negar que vocês são mulheres de muita garra e de muita fibra. É com esse sentimento de amor e de gratidão por tudo que eu aprendi com vocês, que eu me despeço.

Abraço no coração de todas!

Profe Fabi

CARTA nº 2

Queridas Marias!

Quero contar uma linda história para vocês.

Quando eu conheci a professora Silvane e passei a fazer parte da equipe do projeto, a primeira sensação que tive foi de muita empolgação e muita vontade de ajudar. Eu estava muito ansiosa para conhecer vocês.

Lembro direitinho o meu primeiro dia no pátio, os abraços, os olhares, o calor, as rodas de conversas e o chimarrão que tomamos. A partir desse dia, eu passei a ver vocês semanalmente. E sabem o que eu descobri? Que eu, que achava que sabia alguma coisa da vida, sabia era nada. Eu achava que estava indo para dentro de um presídio ensinar alguma coisa, mas eu é que aprendi muitas coisas. Vocês humildemente me ofereceram o que tinham de mais bonito dentro de vocês; por isso, hoje eu sou mais compreensão, afeto, conversa, escuta, amor, carinho, abraço, sorriso, perdão, esperança.

Gostaria que soubessem que poder conhecer e compartilhar momentos com vocês é um privilégio para poucos.

O projeto *Marias* é o projeto da minha vida. Através dele eu adquiri muito conhecimento, cresci como pessoa, realizei sonhos e isso só foi possível com a parceria de vocês.

Mulheres fortes, corajosas e potentes, desejo que, assim como eu, vocês também consigam significar ou ressignificar suas vidas, alcançar vitórias e realizar sonhos. Contem comigo!

Com carinho,

Bruna

CARTA nº 3

Carta para as Marias

Comecei a ser voluntária do *Marias* sem saber como funcionava o projeto, mas fui. Senti que eu precisava de algo além da minha graduação e dos projetos de extensão de que já participava. Senti que precisava conhecer um espaço novo e ter o contato com quem é, perante a sociedade, um mistério.

Eu descobri que a vida dá oportunidades, mas não para todo mundo.

Eu descobri que existem milhares de vidas em uma só Maria.

Eu descobri que em um mundo de ódio a gente pode dar amor.

Eu aprendi a não julgar, a não criminalizar e a não repudiar.

Eu aprendi a amar, a respeitar, a dividir e a escutar.

Eu aprendi a ser humana.

Eu passei a amar as sextas de manhã, por poder ver, abraçar e escutar vocês.

Eu vivi momentos intensos, amorosos, calorosos, sentimentais e felizes com e por vocês.

Vocês transformam. Vocês me transformam.

“Não há dor que dure para sempre! Tudo é vário. Temporário. Efêmero. Nunca somos, sempre estamos!” (CHICO BUARQUE)

Até daqui a seis meses, Marias. Vou voltar rapidinho.

Beijos da Amanda

CARTA nº 4

Para minhas Marias queridas:

É tão estranho escrever essa carta agora... Confesso que sinto que escrever uma carta parece dizer adeus, mas sei que não é. É uma das maneiras mais sinceras de dizer o quão importantes as pessoas são. Dessa maneira, escrevo aqui o quão importante vocês são para mim, o quanto vocês me mudaram, o quanto vocês representam para mim e o quanto afeto eu venho recebendo.

É bizarro, quase vergonhoso, pensar que tive muito medo de estar com vocês. Lembro que enquanto eu ia aí pela primeira vez, no final de 2017, para organizar os livros da biblioteca, o meu único pensamento era terminar o mais rápido possível para, enfim, voltar para um lugar “seguro”. Ah, como a Marcelli era boba. Naquela mesma data, esse pensamento mudou. Enquanto voltava para casa, já sentia que eu precisava estar mais com vocês, eu me sentia ligada a vocês.

A cada sexta-feira, eu sinto a diferença que vocês têm feito em minha vida. Lembro o dia em que finalmente eu pude conhecer vocês. Foi num dia chuvoso, então permanecemos no refeitório. Falávamos sobre nossas metades. Naquele dia, eu me sentia vazia, mas, enquanto conversávamos, eu era preenchida com gratidão, afeto e consideração. Chorei muito por causa de cada palavra que era dita. Chorei ainda mais depois. Minhas lágrimas eram motivadas por sentimentos únicos e genuínos. Ouso dizer que, talvez, sejam os sentimentos mais puros e sinceros que já me demonstraram.

Ao longo desses anos, vocês têm me ensinado a ser grata, a valorizar as pequenas coisas, mas, principalmente, a colocar-me no lugar do outro. Vocês me ensinam tanto todas as sextas-feiras, que não imagino como eu seria se não tivesse conhecido vocês. Eu me sinto grata por tudo que vocês têm feito por mim. Hoje posso dizer que, graças a vocês, “metade de mim é amor e a outra metade também”.

Com todo amor do mundo,

Marcelli

CARTA nº 5

Carta para as mulheres do presídio

Carta para as Marias

Carta para guerreiras

Ou, então, apenas carta para mulheres.

Porque, afinal, no fundo, somos todas iguais.

Nós. Vocês. Donas de uma força e perseverança incrível. A união, a bondade, o cuidado, o carisma... Muito reflexo do que carregam internamente, dentro de cada uma.

O abraço se torna único, valioso. Os momentos de conversa, precisos! E as atividades... Ah, estas conseguem unir num único momento, o mesmo propósito, mesmo que, individualmente, cada uma tenha o seu.

Para vocês, eu desejo amor. Força. Esperança.

Novos planos. Ou a retomada de planos. Muita fé nessa vida! Saúde! Nosso principal combustível, para, enfim, seguir!

Com carinho,

Amanda

CARTA nº 6

Queridas Marias!

Para escrever esta carta fiquei me perguntando o que eu gostaria de dizer a vocês ou o que foi mais importante durante o meu tempo de ação no Projeto.

Poderia falar sobre o quanto fazer parte do Projeto interfere no meu olhar como profissional; ou, então, dizer que o Projeto em si tem uma capacidade social enorme, que a gente talvez nem tenha noção do potencial que ele tem. Poderia também colocar o quanto o trabalho voluntário pode ser transformador na vida de uma pessoa.

Mas não estaria sendo verdadeira se não admitisse o quanto vocês me transformam. Pode parecer egoísmo meu, ficar falando de mim numa carta que é pra vocês, enfim, aguentem! (risos e gargalhadas...)

VOCÊS SÃO A MINHA RAZÃO POR ESTAR AQUI!

SÃO VOCÊS QUE MUDAM O MEU OLHAR PARA O MUNDO.

TAMBÉM SÃO VOCÊS QUE ME TORNAM UMA PESSOA MELHOR, QUE ME FAZEM UMA MULHER DE VÁRIAS LUTAS, COM UM OLHAR MAIS CARINHOSO, MAIS AMOROSO, MAIS HUMANO.

Pode até parecer firula, um monte de palavras bonitas, mas é isso!

O mundo não está fácil! Está violento; está sem pudor; sem respeito pela escolha do outro, pelo corpo do outro (e acredito que nem respeitamos mais as nossas próprias escolhas, o nosso próprio corpo); está difícil conversar, negociar; todo mundo fala e ninguém ouve. É isso, há muita coisa que incomoda, que não está legal e que precisa de mudança, uma mudança urgente!

Acreditar é uma palavra que me guia. E eu acredito nas pessoas! Sei que todos temos histórias, caminhos e sentidos diferentes. Aí é que está a graça dessa vida; é aí que está o poder da vida de cada um aqui nesse mundo! Podemos escolher ser amor; podemos escolher tratar com carinho o ser humano ao lado; podemos escolher dar um abraço; podemos escolher não fazer nada disso.

Vir para o presídio é como se eu entrasse em outro lugar, fora da Terra. Parece que tudo aquilo que no mundo está, não está nesse lugar.

Olho para os olhos de vocês e vejo tanta coisa... Sinto a troca de uma energia deliciosa e do amor que vocês têm no coração; sinto quando não estão bem e quando estão longe, mas sinto vocês, ali, de verdade!

E o *Marias* pra mim é isso: é como se o tempo passasse mais devagar, como se desse para respirar melhor; é ter uma relação de verdade com as pessoas.

Nós somos as *Marias* e eu acredito na gente, no amor que nós temos, no amor que nós trocamos e no amor que nós espalhamos.

Vocês são uma boa parte da minha vida; por isso, agradeço por quem vocês são!

Que o nosso 2020 seja feito com muito amor, com muita força, com muita fé, porque as *Marias* têm muitas lutas para vencer!

Um beijo delícia e um abraço beeeeeem apertado.

Nos vemos em breve!!!

Com amor,

Bibi

CARTA nº 7

Olá, gurias!

Como vocês estão hoje?

Por aqui está tudo certo. Mais um dia rotineiro, com afazeres e compromissos que acabamos fazendo no automático, dia após dia. Porém, não estou aqui hoje para falar sobre isso... Minha intenção com essa carta é fazer com que de alguma forma ela as toque ou faça alguma diferença no dia de vocês, assim como vocês têm feito na minha vida, nos últimos tempos.

Gostaria que soubessem que as sextas-feiras de manhã têm sido manhãs de aprendizados e de crescimento para mim. Conhecer um pouquinho sobre vocês e transformar os espaços nos quais vocês estão 24 horas por dia, sete dias da semana, num local mais descontraído, divertido e de aprendizados é gratificante. Sentir a importância e o significado do Projeto *Marias* para vocês e poder fazer parte de tudo isso é indescritível, impressionante!

Participei de poucos encontros, mas tenho certeza de que levarei estes momentos para a vida, tanto pessoal, como profissional. Desejo mais e mais força a vocês e que sejam muito felizes, tanto aí dentro, quanto aqui fora. Que continuem crescendo e evoluindo, buscando ser a melhor versão que vocês podem ser de vocês mesmas. Os erros e arrependimentos não nos definem. Somos muito maiores e mais importantes do que alguns momentos específicos de nossas vidas que nos marcam negativamente. A vida é complexa, única e também é linda, um presente para cada uma de nós.

Obrigada pelas trocas que temos feito, pouco a pouco. Espero poder encontrar vocês no ano que vem.

Um abraço grande de uma das Marias.

Lara

MARIAS, TRANSCENDENDO A MATÉRIA E ABRAÇANDO A ALMA

Victoria Lemos Veiga

O sistema penitenciário brasileiro, a cada dia, torna-se, cada vez mais, sinônimo de situações degradantes para os apenados. Superlotação nas celas, exploração sexual dos presos, revoltas dentro das penitenciárias, fugas e comando de associações criminosas de dentro das prisões, como mostram os noticiários diuturnamente, só reforçam ainda mais a fragilidade do nosso sistema prisional. Quem mais sofre com essa falta de atenção do poder público é a própria pessoa que tem seu direito à liberdade retirado pelo Estado, o que provoca diversos casos de violação aos direitos humanos.

O nosso projeto, portanto, tem como objetivo discutir as violações aos direitos humanos fundamentais e como isso se reflete na procura por um cárcere de qualidade, principalmente, sob o ponto de vista do Presídio Feminino de Lajeado. Além disso, procuramos conscientizar a comunidade em relação à humanização das pessoas que estão apenadas, emanando empatia e compaixão, já que esperamos que a tendência seja crescente pela busca, pela implantação dos direitos humanos, em todas as esferas da sociedade.

Especificamente falando das nossas Marias, todas as falas delas, presentes aqui nesse *e-book*, são muito cruas, muito nuas, muito transparentes e sinceras. Eu as senti despidas, não de roupa, de material (imposições sociais e padronizações); elas estavam literalmente se expressando com a alma. O livro por si só é intenso, não temos muito o que fazer. É assim porque é, e pronto. Dá para ver cada mulher, como mulher de verdade, mãe, filha, avó, solteira, casada, traída... humana.

Eu espero que esse livro toque a sociedade não só com base em cada individualidade, mas que abra sua mente e sinta que essa é uma realidade da mulher brasileira. Não digo isso por serem privadas de liberdade, mas por serem mulheres, diminuídas, esquecidas, traídas, estupradas e mortas pela sociedade, pelo judiciário e pelo Estado.

Todas as mulheres têm um pouco de Marias dentro de si. Toda mulher se enxerga no Marias. Porque Marias é resistência, exemplo, amor, afeto, autoconhecimento, evolução. Sinto gratidão por ter compartilhado essa experiência, mesmo que de forma virtual. Todos deveriam conhecer o *Marias* e agregar dentro si um pouquinho desse projeto lindo. Obrigada, mulheres do presídio feminino de Lajeado, por me lembrarem da força e da natureza de ser mulher, de ser humana.

VARAL DE MEMÓRIAS⁵

Isabel Pavan

Memórias são como viagens no tempo. Elas nos transportam, fazendo emergir novamente sentimentos e sensações de diferentes momentos de nossas vidas. Entretanto, também são bastante particulares e, por isso, difíceis de serem compartilhadas, mesmo quando explicadas até os mínimos detalhes. Nos relatos das nossas Marias, trazidos neste livro, percebemos o quanto as memórias mantêm viva a esperança de recuperar o que lhes foi tirado e, assim, recomeçar. Então, qual a melhor forma de ilustrar as lembranças do nosso projeto senão com fotografias?

As seguintes páginas trazem um varal com diversas fotos tiradas por nós e pelas Marias que traduzem memórias de algumas de nossas manhãs de sexta-feira no presídio feminino. Estes registros expressam apenas uma pequena parte dessas mulheres que, ao se permitirem experimentar a corporeidade, a linguagem, emanam alegria, amor, simplicidade, empatia e tantos outros sentimentos bons.

Com este Varal de Memórias, queremos não apenas reviver, mas também permitir que aqueles de fora, que nunca participaram de nossas manhãs, possam mergulhar, vivenciar, imaginar e sentir conosco cada um desses momentos e sentimentos. Queremos mostrar para você que, por trás desses muros e grades, existem memórias alegres de mulheres cheias de esperança.



5 Os registros fotográficos apresentados no varal foram feitos pelos voluntários do Marias, pelas mulheres que se encontram no *Feminino* e pela jornalista Nicole Sberse Moras.











PERCEPÇÕES INTENSAS

Grasiela Kieling Bublitz

Impacto. Estranhamento. Empatia. Solidariedade. Vivenciei tudo isso, nesta mesma sequência, quando pisei pela primeira vez no Presídio Feminino de Lajeado como professora extensionista. Essa profusão de emoções permaneceu em mim por dias. Lembro dos olhares desconfiados e das poucas palavras usadas pelas apenadas nesse primeiro encontro com o grupo de acadêmicos, professores e voluntários da extensão universitária. Não esqueço também da expressão de satisfação demonstrada por elas no momento em que ouviram o que a Univates estava propondo: encontros semanais envolvendo corpo e movimento.

Tudo começou com o Projeto de Extensão Veredas da Linguagem, cujas ações vinculavam-se às diferentes perspectivas de trabalhar com a linguagem. De tão potente, o eixo Linguagem e Corporeidade tomou forma de um único projeto de extensão lindamente batizado de ***Marias: corpo e linguagem na instituição prisional***. De tão apaixonante, o projeto conquistou acadêmicos, professores e diplomados que voluntariamente vêm se envolvendo em olhar criticamente para a situação das apenadas e para a sociedade em que vivemos. É preciso ressaltar, no entanto, que toda essa potência e toda essa paixão devem-se especialmente a uma Maria: Silvane Fensterseifer Isse, coordenadora engajada e comprometida, que não mede esforços para a articulação e a concretização de ações significativas, com o intuito de dar visibilidade ao contexto prisional em que vivem tantas Marias.

São evidentes os impactos dessas ações não só no ambiente prisional como também na formação dos nossos acadêmicos. Os textos que compõem esta obra refletem bem esses impactos e marcam uma trajetória extensionista de grande relevância social.

Que possamos continuar promovendo a empatia, o senso de humanidade e o olhar crítico daqueles que passam pela nossa universidade. Vida longa ao Projeto Marias!



UNIVATES

R. Avelino Tallini, 171 | Bairro Universitário | Lajeado | RS | Brasil
CEP 95900.000 | Cx. Postal 155 | Fone: (51) 3714.7000
www.univates.br | 0800 7 07 08 09